

QUANDO O
INCONSCIENTE EMERGE,
ELAS NÃO SABEM
PARA ONDE OLHAR.

CONVIDADA ESPECIAL:
RÔ MIERLING

GAROTAS INCOMPLETAS

ORGANIZADO POR:
DÉBORA S. MATTANA E
MICHAEL VASCONCELOS

EDITORA
Sinna 



PERIGOSAS NACIONAIS

GAROTAS INCOMPLETAS

Organizadores: Débora S.
Mattana e Michael
Vasconcelos

PERIGOSAS ACHERON

Sorriso de Gato

Débora S. Mattana

Zoe

Do outro lado do lago, é a propriedade do acampamento para jovens infratores, o lugar é quase uma prisão cercada de água, só se sai e entra com uma balsa, não é muito grande, mas tem tudo o que é necessário. Meu pai chama o lugar de ilha dos demônios, são várias cabanas querendo imitar o estilo americano de acampamento de férias juvenis. É preciso um bom tempo de barco para chegar até lá, ou alguns minutos de balsa. Jason e eu vamos trabalhar lá neste verão, uma espécie de experiência antes de seguirmos viagem para lugares pobres que precisam de mãos amigas.

A porta do meu quarto se abre com grande baque. Meu pai entra furioso e, logo atrás dele, vem meu melhor amigo, Jason.

— Decidi que vocês não vão. — Ele passa a mão no cabelo e senta na beirada da cama, está careca e penso que tive sorte em nascer mulher, herdei a cor prateada de seus cabelos e seus olhos azul marinho, contudo o restante herdei de minha mãe, que Deus a tenha, mas gosto de minha herança; a pele branca como creme, o grande volume de cabelos lisos, lábios gordos, mas pequenos, nariz menor ainda e olhos enormes, para entrar em contraste com minha forma pequena delicada, sou baixinha, minha mãe tinha uma frase para mim “você parece um animalzinho fofo e assustado, o mundo vai ser fácil para você, Zoe.” Amava minha mãe... Sua doença até hoje intriga os médicos. — Está escutando?

— Senhor Wine, é tarde demais para recuar agora — começa Jason.

— Não quero falar com você agora! Estou

conversando com minha filha. — Jason faz o gesto de rendição, o que tranquilizou um pouco meu pai. — Zoe, ali está repleto de delinquentes, e se acontecer algo?

— Sabemos nos cuidar, certo, Jason? — pergunto, ele apenas aponta para um relógio inexistente em seu pulso. — Sim, está na hora, não posso perder a balsa.

— Não quero que algo aconteça com você — diz meu pai desesperado.

— Você ainda me vê como uma garotinha — digo, olhando diretamente em seus olhos, ele respira fundo e beija minha testa. Depois bate nas costas de Jason.

— Qualquer problema, me liguem — fala pegando o celular do bolso, então sai e bate a porta atrás de si. Pego minha mochila enquanto escuto sua voz ao fundo. — Tirem esse cara de circulação

PERIGOSAS NACIONAIS

antes que espalhe mais notícias falsas sobre minha candidatura, não me interessa o número de seguidores desse filho.

— Seu pai é um bosta, você sabe disso né, Zoe? — analisa Jason, virome furiosa para ele, Jason revira os olhos, seus olhos são grandes como os meus, contudo azuis escuro, como uma noite estrelada. Na minha adolescência descobri que o amava, mas que jamais daria certo, somos amigos desde pequenos e sua beleza sempre se destacou nas multidões, em todo lugar que vai, há sempre um homem ou mulher disputando suas atenções. Jason parece um príncipe de conto de fadas, exceto por seu sorriso de gato, que sempre arranca um riso desajeitado de quem vê. Ele diz que é sua arma contra idiotas. Nada impede Jason de ter o que deseja, sua família é rica e deixa ele fazer o que bem entende, não é muito diferente da minha.

PERIGOSAS ACHERON



Jason

Não existe algo mais belo que Zoe, ela sorri e o mundo cai aos seus pés, e é claro que o diretor do acampamento, ao qual chegamos há pouco de balsa, notou a beleza dela. O diretor é um homem grande e parece quase um clone Mark Ruffalo, seu nome é Miguel, ele está dividindo os setores e não me parece ter sido uma coincidência ter colocado o chalé dela ao lado do dele, e o meu tão longe. Miguel está dispensando os monitores para que mostrem a área aos seus grupos. Sinto o olhar do diretor na minha nuca e peço para que meu grupo me siga.

— Andem, seus delinquentes. — Eles riem sem jeito, como se eu tivesse dito uma piada, escuto Zoe rir atrás de mim, aquilo me faz seguir em frente. Será apenas uma semana, depois iremos

PERIGOSAS NACIONAIS

viajar mundo a fora nutrindo o sentimento de dívida que Zoe pensa ter com sociedade. Não que eu não tenha tentado ficar um tempo fora, até pensei em viajar pelo mundo e deixá-la com suas fracas ambições, mas não posso ficar muito longe dela, é preciso apenas uma semana para que algum pretendente idiota apareça em meu caminho tentando tirá-la de minha vida. Não demoro para reconquistá-la, é claro, Zoe sabe que ninguém a fará mais feliz do que eu a faço, na vida ou na cama.



Faz quatro dias que Zoe me ignora e corre atrás do diretor Miguel, eles se dão bem, Zoe sorri muito e ri de suas piadas, noto como ele olha para ela, até os outros monitores e nossos “protegidos” notam. Ela se afasta e ele não desgruda os olhos *da minha Zoe*, que está fazendo charme para ele e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem mais quiser ver, Miguel caiu na rede dela, ele ajeita suas calças e se afasta. Eu tenho certeza que esse bosta está com uma ereção pensando na minha garota.

— Esse velho ferrado — xingo, pensando no que Zoe me falou no dia anterior; ela quer continuar o trabalho nessa ilha maldita, mas não vai mesmo! Vamos sair dessa espelunca no final de semana, ou antes, dependendo do tempo.

— Jason — chama Mel, reviro os olhos, ganhei uma sombra nesses últimos dias, e como sei que isto incomoda Zoe, me divirto. Ela é uma das monitoras mais novas do lugar, tem vinte anos e antes disso era uma das delinquentes, já passei horas tediosas escutando-a se queixar sobre sua antiga vida, o pai fujão a mãe cheia de homens nojentos e bêbados. — Podemos conversar? Pode ser na minha cabana?

PERIGOSAS ACHERON

Já que Zoe me ignora para poder *dar para o diretor*, aceito o convite, assim também aproveito o boca livre. Além do mais, Mel é bonita, mas uma vida sendo tratada como lixo a faz pensar que é um, a única pessoa que a fez sentir-se gente, segundo ela, foi o maldito diretor Miguel. Como se algo pudesse ajudar esses pirralhos, suas vidas são uma merda e vão continuar na merda depois que esta semana acabar.

Entro na cabana de Mel, é arrumada e tem mais objetos do que seria normal para apenas um fim de semana, ela acredita que esse lugar é especial. Antes que diga o porquê me chamou, vou em sua direção e começo a tirar sua roupa, ela parece surpresa, mas seus olhos brilham quando olham nos meus e, com a mesma velocidade, começa a retirar a minha.

— Eu sabia. — disse sorrindo quando nossos

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios se chocam, beijo-a com voracidade, mordisco seus lábios, desço para seus seios, ela me aceita com uma facilidade, mas não é sempre assim? Está perfumada, inspiro seu cheiro e desço mais.

— Jason! — grita quando minha língua encontra o meio de suas pernas, continuo ali por um tempo, e quando sei que está perto de gozar a penetro com força, encontrando o ponto sensível que a faz gritar de prazer novamente.

— Você é minha, diga! — falo em seu ouvido, ela assente. — Quero ouvir da sua boca, Mel, quero ouvir enquanto te como!

— Sou sua, sim, por favor, toda sua — diz ela entre minhas investidas, e chegamos juntos ao ápice. Fico olhando enquanto ela recupera a postura, e sorrio quando seus olhos que fazem jus ao seu nome me fitam. — Isso foi, uau... —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fala, sem fôlego. Mel passa as mãos em meus cabelos e sorri de um jeito desconcertante.

— Você é fácil de se agradar não é? — pergunto curioso. Ela dá de ombros.

— Não vejo motivos para complicações, complicado é não ter o que comer, não com quem eu transo ou deixo de transar — diz, então ri quando vê meu olhar. — Já você, imagino que seja difícil de agradar, pelo que me fala, você e sua melhor amiga sempre tiveram tudo, podiam fazer tudo, quer dizer todas essas viagens que me contou.

— Hum! Ela quer viver tudo, ter todas as experiências possíveis, sempre inventa uma desculpa para preencher seu lado vazio, seu lado incompleto — esclareço e percebo que é bom desabafar sobre isso. — O mundo não a compreende, apenas eu.



PERIGOSAS ACHERON

Zoe

Miguel é um cara meigo para os “protegidos”, contudo na cama é outra pessoa, dominador, desde o meu terceiro dia aqui que estamos transando. Jason sabe, ele e Mel devem estar fazendo o mesmo. Eu deveria estar focada em ajudar esses jovens, não em viver um romance com o diretor do acampamento, mas Miguel soube chegar da forma certa e que Jason não me escute, mas na cama é quase tão bom quanto ele. Miguel não gosta de falar sobre si, é quieto e reservado, aprecia me escutar. Fico feliz em fazer parte de sua vida, talvez eu queira mais, talvez tenha encontrado o cara certo. Fantasio nossas vidas juntos.



O final de semana chegou rápido. Na noite de ontem, os monitores e nossos protegidos cantaram e contaram histórias na fogueira, pois tudo indicava

PERIGOSAS NACIONAIS

que hoje teria um temporal, foi ali que descobri que Miguel é casado, fiquei deprimida com notícia, contudo Jason se aproximou dele, até o convidou para beber hoje depois do expediente, o que me deixou mais tranquila, já que Jason estava fora de si nos últimos dias.



Minha cabana é pequena e confortável, aqui tem tudo que necessito, mas já são duas da manhã e amanhã vamos embora e simplesmente não consigo dormir, um fator é a tempestade o outro é que pensei que Jason passaria aqui depois de sair com Miguel, talvez ainda esteja bravo comigo, ou quem sabe me odeie e agora fique com a Mel. Olho em volta tensa, o vento está uivando pelas frestas da cabana e parece um mau presságio.

— Zoe! — O grito me assusta, ao mesmo tempo que alguém bate e força a porta da cabana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reconhecendo a voz de Mel, abro a porta. Ela entra correndo e fecha a porta atrás de si. — Meu Deus, você está bem?

Mel é alta, tem belas feições e persegue Jason onde quer que ele vá. Ela se aproxima e me abraça, respiro fundo e reviro os olhos. Obviamente ela está com medo da tempestade.

— Olhe para você, está encharcada! — digo indo pegar uma toalha, quando entrego vejo que ela está tremendo também e manchas de sangue se assomam pela toalha. — Isso é sangue? — pergunto me afastando. Mel não percebe meu movimento e senta na poltrona perto do aquecedor.

— Explique-se! — exijo assustada. Ela corre as mãos pelos cabelos e funga.

— Nossos pro-protégidos, estão mo-mortos. Todos! Não sei como ele fez, veneno talvez, era minha vez de conferir as cabanas, eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perambulando pensando na vida sobre que falamos. Meu Deus! estavam mortas, deitadas nas camas. — Ela segura a barriga e parece que vai vomitar. Contudo, continua — Os braços cruzados em cima da barriga, ele planejou. — Ela chorava e meu coração parecia que ia explodir no peito. — Que droga! com essa chuva não tem sinal no celular, precisamos roubar o barco e avisar a polícia. Não sei sobre os outros monitores, corri para cá. Olha aqui! Precisamos sair daqui, esse psicopata deve estar por ai, matando — diz chorando, noto um hematoma em sua cabeça.

— Você veio sangrando, e alguém te bateu. Quem me garante que você...

— Ele bateu na minha cabeça, caramba! — corta ela. Sem que perceba, pego uma faca, mais tranquila em ter o objeto. — Deve ter pensado que era você voltando para cabana, faz sentido! Por isso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você está a salvo! Mas sou dura na queda! Acordei ali fora, e o vi apenas de relance, DROGA! Estava com a uma maldita máscara de hóquei preta!

Não sei por que, mas acredito nela.

— Estou com medo, podemos ser as próximas. Jason...

— Jason não faria isso, Melissa. — digo com firmeza. Ela ri e depois me abraça.

— Eu sei, mas precisamos mesmo sair daqui. — Ela anda pela cabana e eu a observo. — Temos opções, as duas são ruins perante essa chuvarada, sair de barco ou tentar ligar os cabos de energia para pedir ajuda, mas não sei onde encontramos um fusível e a chave do barco está provavelmente na cabana de reuniões. Barco, então?

Vejo minha cabeça concordando. Troco o pijama, coloco o uniforme do acampamento, um macacão preto, pois o resto das roupas guardei na

PERIGOSAS ACHERON

mochila, levo a faca comigo, Mel concorda que é bom ter uma arma, então pego minha mochila. Tento usar meu telefone, mas não tem sinal, nem mesmo de emergência. Preciso encontrar o Jason, ir até sua cabana. Ela não vai querer se arriscar por ele, mas não posso deixá-lo. Então saímos para a tempestade. A água do lago parecia o próprio mar em fúria, apenas um barco maior aguentaria isso, mas Mel me garante que consegue fugir. As árvores em volta se contorcem e galhos e folhas se desprendem. Mel segura minha mão e me puxa para a cabana de reuniões. Olhamos em volta, como gatos assustados, grito quando um galho cai aos meus pés e ela cobre minha boca e depois volta a me puxar, fico surpresa com sua coragem.

— Precisamos salvar o Jason, preciso saber se está bem! — grito, mas ela não me escuta, estamos indo na direção da cabana de reuniões, eu puxo ela e repito. Mel olha em minha direção, então me

PERIGOSAS ACHERON

chacoalha.

— O que precisamos fazer é chamar a polícia! Vamos achar a chave do barco e dar o fora daqui! — fala com determinação e me puxa. Rezo para que Jason esteja bem.

Chegamos, olhamos bem para os lados antes de entrar, Mel pega o molho de chaves do bolso, a mesma que usou para ver os protegidos e enfim entramos na cabana, mas uma sequência de fatos se desenrola.

Miguel nos ataca, mas Mel impede que chegue até mim me jogando para trás, em que bato minha cabeça na parede, fico zonza, mas vejo que Miguel está vencendo. Ele empurra Mel contra parede, enquanto ela grita e chuta. Fico paralisada, sem saber o que fazer, porque neste momento vejo Jason desmaiado no chão da cabana. Olho a faca em minha mão, Vejo o pescoço de Mel nas mãos

do assassino.

Uma fúria me cega e ataco Miguel pelas costas, fincando a faca em seu ombro. Suas mãos soltam o pescoço de Mel, ela cai no chão e tosse, mas seu olhar pede urgência, olhando da faca para Miguel. Ele se vira em minha direção em choque, com seus olhos arregalados e eu grito e volto a esfaqueá-lo, agora no peito. Ele cai ao lado de Mel, então me afasto para chegar mais perto de Jason.

— Zoe! — grita Miguel, sua voz carregada de dor. — Foi ela, Zo, Mel matou nossos protegidos! — diz Miguel, apertando suas feridas. Estou com a faca agora apontando para os dois.

— Ele está mentindo! — diz Mel. — Procure a chave!

— Não vá com ela, vai lhe matar depois de fugir. Se esconda, Zoe! — grita ele, sua voz transparecendo a dor que sente, seus olhos se

fechando.

— Você está mentindo, Miguel! Como explica isso aqui! — Aponto para Jason no chão! Mas não tiro meus olhos de ambos. — Se Jason estiver morto, eu mesma matarei você!

Miguel abre os olhos, Mel fica parada onde está, piscando confusa.

><

Jason

Acordo e vejo a cena. Zoe, minha pobre e querida Zoe, com uma faca ensanguentada em suas mãos, ela treme, e lágrimas riscam sua face. Quem faria isso? Quem a obrigaria a chegar nesse extremo? A garota mais bela e doce do mundo, uma assassina? Não. Inaceitável.

Sou eu que sacio esses anseios de sua alma, eu limpo o lixo do mundo, enquanto ela cuida das feridas da sociedade. Ela nos leva para conhecer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lugares que precisam de sua ajuda, e eu aniquilo as pragas que não tem solução, foi isso com os fabricantes de couro, Zoe tentou conversar, mas eles apenas a ignoraram. Bom, deviam ter escutado, pois eu botei fogo na fábrica, e forjei seus suicídios, fiz o mesmo naquela embarcação de caça às baleias; fiz o mesmo naquela fábrica que explorava crianças e fiz o mesmo com esses jovens hoje. Às vezes a situação foge do controle, mas era tudo um plano para incriminar Miguel pelas mortes. E quase deu certo, se não fosse essa monitora cadela querendo *salvar* a MINHA GAROTA.

— Jason. — Zoe me abraça chorando. — Jason, eu estava tão assustada.

— Shh. É tudo um pesadelo, você está dormindo na sua cabana — digo tranquilizador, ela assente, fechando os olhos, mergulhando para longe, desaparecendo no nosso inconsciente para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar apenas eu em seu lugar. Quando sinto que ela se foi, observo Miguel e Mel me olhando em choque. Respiro fundo e tiro uma sujeira da unha com ponta da faca, mas só faz piorar com todo aquele sangue. — Confusos? Algumas pessoas chamam isso de dupla personalidade. MAS O QUE ESSES NERDS NÃO ENXERGAM É QUE A GENTE SE AMA, E NADA! Nada, pode nos separar. Mesmo que algumas pessoas tentem — falo, olhando para Miguel.

— Você era maluca? É claro que é maluca, está óbvio agora por que me falou que seu nome era Zoe Jason, e queria que eu lhe chamasse de Jason. — acusa Mel, mas a mão de Miguel pega a sua. Ela o afasta, e eu pisco pra ele, que cospe no chão. — E eu pensando que, sei lá, fosse uma ligação.

— Meu único amor é Zoe, sem mágoas, baby,

PERIGOSAS ACHERON

foi bom trepar com você, ou com mágoas, já que terei de matá-los — digo com um dar de ombros, então me aproximo, mas Miguel joga o celular em minha cara. Enquanto recupero a compostura, o ouço falar.

— Corre, Mel, aqui a chave do barco, o pai dela pediu para não colocar ela nos registros de contratação, era para ser apenas um trabalho voluntário. — Escuto a porta fechar e o som de alguém correndo lá fora.

— O bom e velho Miguel quer salvar o dia, mas não soube controlar a droga do pinto. Fique sabendo que todos teriam sobrevivido se você a amasse, claro que eu teria te matado, Zoe tem gostos exóticos, ela se esconde atrás de mim para nutrir suas vontades. — faço uma pausa, enquanto puxo da minha mochila a máscara de Hóquei e coloco, ela é preta, os furos que imitam a boca se

alongam em um grande sorriso de gato. — Onde eu estava? Ah sim, vou matá-lo, depois correr atrás da minha sombra, acho tão estranho Mel ter corrido, ontem mesmo estávamos nos divertindo.

— Você é doente, garota, não serve para nada, nada além de uma boa foda — fala, mas tosse e pontos de sangue apontam em suas calças. Suas mãos soltam brevemente o ferimento para ele limpar a boca e dizer. — Você planejou tudo, é uma maldita psicopata, narcisista! Ou acha que esqueci seus lamentos pelo “amigo” que não a amava, sua vaca estúpida! Tudo é tão óbvio agora, o dinheiro em espécie que seu pai me deu, até essa merda de tempestade estava marcada para essa semana. Eu procurei sobre seu pai na internet antes de aceitar sua “doação”, os jornalistas chamam ele de Urubu, pois sempre está perto de onde as merdas acontecem, agora sei o porquê, ele faz de tudo para safar a pele da filha PSICOPATA!

— O diagnóstico correto é bem mais longo, Zoe e eu somos um desde a infância, ela me vê tão nitidamente quanto você, encaixa em sua mente soluções para tudo, e quando tomo seu corpo ela submerge para o próprio inconsciente, não viu quando trepei com Mel o mesmo acontece comigo com algumas diferenças de humor como pode ver, ou como diriam os psiquiatras bem pagos do pai da Zoe, dupla personalidade esquizofrênica paranoide, com tendências narcisistas e psicóticas. — falo olhando para Miguel que parece concentrado demais na minha história. — É claro que o pai dela sabe de tudo e se vê obrigado a aceitar e concordar com a minha “presença” ele até sabe quando é ela ou eu no controle, vou te contar um segredinho, ele me odeia.

— Acha que sou estúpido? Sei o que está tentando fazer, e só para você saber, Mel não tem para onde escapar sem as hélices do barco. — digo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gargalhando. — Ninguém vai se importar com essa ilha, e se o pai de Zoe corre atrás da gente como um cachorrinho, faz por que quer, nós não deixamos pistas. Vão encontrar o veneno que usei nos galões de água, o efeito demora uns vinte minutos para começar. Seus jovens riram quando entrei vestida assim, com a máscara e o uniforme. É claro que acreditaram depois, você tinha que ouvir os gritos, mas é claro que não conseguiu com essa tempestade, não é? Pensei que fosse sentir o efeito, depois que te deixei aqui, imaginei que tomaria água, mas podemos fazer de outro jeito.

— Eram apenas crianças — geme Miguel.

— Sabe o que vai acontecer aqui, diretor? Nada, porque ninguém se importa com esse lixo de lugar. Talvez alguém da balsa se pergunte onde estão os delinquentes, e aí vão achar seus corpos apodrecendo, e a culpa vai ser toda sua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha cabeça explode numa dor aguda. Eu caio no chão, vejo Mel, ela voltou em vez de se esconder como a ratinha que é. Mel chuta minha faca para longe, depois tira minha máscara e soca meu rosto.

— Não! Você não vai sair impune! — grita ela, enquanto me bate. — Agora é sua vez de morrer, piranha! Mas antes você vai me explicar por que tinha que fazer isso, por que aqui?

Ela para de me bater e olha para ela. Sorrindo, aquele sorriso de gato que desconcerta as pessoas.

— Seja bem-vindo Senhor Wine. — digo limpando o sangue do meu nariz. — Ou devo dizer, “papai”?

— Não caio nessa! — Mel fala.

— Mel, abaixa! — grita Miguel, mas é tarde demais, Wine aponta uma arma para a cabeça de Mel e atira. Ela cai morta na minha frente, Miguel

PERIGOSAS ACHERON

grita e tenta chegar até ela.

— Bem na hora — digo, levantando e chutando Miguel de volta para sua parede. — Confesso que me preocupei quando não chegou há uns quinze minutos atrás.

Wine continua apontando a arma, contudo em minha direção.

— Vai lá, sabemos que quer isso há tempo demais. Vamos! — provoco. — Ou pensa que está a salvo por ser o pai dela? Matarei cada um no caminho dela.

Wine larga a arma e cai de joelhos. Reviro os olhos.

— Se não vai nos matar, me ajude limpar meu DNA. Moramos no Brasil, mas nunca se sabe. — Ele assente e me dá arma. Aponto para a testa de Miguel e atiro. — Pronto! Agora vai parecer um suicídio de amantes, ou sei lá o que vão inventar

para essa merda.



No barco, consigo ver a ilha se afastando. Não estava mentindo para Miguel quando disse que provavelmente vão demorar para perceber que algo aconteceu ali. Depois de um tempo, pergunto:

— Deveria ter atirado, sabe que matei sua esposa, não é mesmo? — pergunto, ele respira profundamente e assente, derrotado.

— Ela é uma boa garota, você desperta o mal nela. Por que não a deixa em paz?

— Não me provoque, Wine. Jamais farei isso, para onde ela for eu irei — digo e o vejo concordar, estamos quase em casa. — Além do mais, Senhor Wine, — continuo, e vejo-o virar atento em minha direção, enquanto abro meu sorriso de gato. — Sou quem a completa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Romeu e Julieta
Michael Vasconcelos

Sinto o som das profundezas me chamando para voltar ao meu verdadeiro lar, porém, graças a um humano, estou presa aqui na terra e envelhecendo trancafiada neste maldito lugar. Gostaria de deixar bem claro para os leitores que este é o meu único e verdadeiro fim. Um grande spoiler do que o amor nos traz. Continue lendo os seus clichês românticos de merda e veja onde o seu par romântico te levará. Eu, por exemplo, estava nas capas de todos os jornais que você possa imaginar como uma psicopata.

Lá estava eu, há 30 anos, sendo a salvação do meu príncipe encantado – *ah, eles sempre aparecem, né?* – em uma conturbada noite de inverno. Tudo muito perfeito, eu havia salvado o

amor da minha vida e, como recompensa, ganhei beijos e um convite para o baile da escola, *a princípio*.

Um ser como eu não passaria além de um dia por ano na terra sem assumir sua verdadeira forma e aquele era o meu dia. O implacável dia em que eu podia andar pela superfície terrestre e me aventurar com a aparência de uma humana comum. E a droga do dia em que eu me apaixonei e pensei: *o que tem de errado abandonar uma vida construída e estável até aqui para viver com aquele menino ali?*

Quero deixar registrado aqui que se envolver com bruxaria nunca é uma boa ideia, minha memória está um pouco vaga pelo que aquela desgraçada me faz tomar pra continuar viva aqui. Não tenho culpa de não conseguir narrar essa parábola nos mínimos detalhes.

— Isso é uma heresia enorme, porém lhe darei

PERIGOSAS NACIONAIS

o direito desse amor. Devo lhe avisar; você não deve retornar até o coração dele conquistar ou a alma dele me entregar. – *E você é uma enorme de uma vaca.* Perguntem para mim onde eu estava com a cabeça e lhe respondo que talvez não fosse com ela que estava pensando.

Sempre é assim, né? Uma trama dramática e com milhões de obstáculos no meio do seu caminho até o esperado “final feliz”. Eu estava obcecada pelo Arthur e se abandonar meu reino fosse o sacrifício para ser amada para sempre, eu não sentiria tanta falta de minha vida antiga. Foi tudo mais fácil com as poções comprimidas que minha tutora daqui de cima me dava todos os dias e com minhas visitas a um submundano que me entendia mais que ninguém.

O colégio estava tumultuado naquele dia. Arthur disse que havia uma apresentação antes do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baile na qual ele iria apresentar também. Esse era um bom motivo para o vai-e-vem de pessoas carregando objetos aleatórios de todos os tipos e tamanhos pelos corredores. Faltava pouco para todo o espetáculo começar e eu estava ali com ele, sentada na arquibancada, beijando aquela boca rosada e acariciando seu cabelo macio e ondulado. Não acreditava que já haviam se passado semanas que eu estava ali na terra e, principalmente, com ele.

— Você vai gostar muito da peça, amor — ele me disse, deitado no meu colo. Eu estava estudando naquele colégio parecia ter muito tempo, porém não era possível. Eu conhecia todo mundo e sempre que passava ouvia comentário do tipo “estranha” ou “louca”.

—... Não posso deixar essa dor obscura, sobre o fardo do amor gemendo sempre — Arthur dizia

PERIGOSAS ACHERON

coisas e mais coisas sem sentido. Eu não estava entendendo mais o que estava acontecendo lá em cima.

Levantei e caminhei em direção a saída do teatro.

— É necessário que carregueis o amor, peso excessivo para coisa tão terna – disse outro garoto no palco.

Abri a porta que ficava entre os banheiros e a saída do teatro.

Microfonia.

O corredor era enorme e tinha várias salas. Algumas com decorações de cenários, outras eram camarins e a maioria eu desconhecia o que havia dentro ou não me recordo mais.

Microfonia e pessoas reclamando do alto ruído.

— Coisa terna tu crer que és o amor? Não! O PERIGOSAS ACHERON

amor és duro: duro e bruto, e fere como um espinho. — Escuto Arthur enquanto atravesso o corredor com dificuldade, tem várias pessoas se trocando e atravessando o corredor estreito em direção a outras salas.

QUE PORRA ELE TÁ FALANDO?

— Ah, então você se transformou em uma humana nojenta para ser declarada dessa forma para centenas de pessoas? — Cassandra sussurra no meu ouvido. Ela está presente, porém aparentemente deixou o corpo no submundo e me obriga a escutar somente essa horrível voz anasalada.

Desde que vim para a Terra, sou atormentada por essa vadia que insiste em fazer comunicação comigo. Naquela época, era a quarta vez que ela aparecia. Hoje em dia meu passatempo favorito é amaldiçoá-la quando me aparece. Além dela, me

PERIGOSAS NACIONAIS

resta a comunicação com outros seres que me aparecem de vez em quando.

— Se meu pai estivesse falando comigo, ele te transformaria em uma verdadeira piranha.

Escuto a voz de Arthur, mas é inaudível de onde estou.

— Seu pai nunca mais vai falar com você, lindinha – diz a voz irritante – Você trocou ele e toda a sua família por um garoto que nem te ama. Agora você não vai ter nem ele e nem a sua vida de volta.

— Cala a boca!

Esbarro em um menino com um enorme arranjo de flores. Lindas, mas me parecem artificiais. O menino me lançou um olhar feio que é totalmente ignorável.

— ... reconheço o tom, não és Romeu, um dos Montecchios – fala uma voz feminina no

PERIGOSAS ACHERON

microfone, que agora está mais audível.

Não é Romeu nenhum, e este é o meu homem!

Microfonia.

— Nem um nem outro, se isso te desagrada, bela garota! — Arthur fala.

Eu não estou entendendo nada. Tudo o que eu quero é chegar no palco e quanto mais eu me aproximo, mais tumulto tem.

— Me diz porque viestes e como entrastes? — diz a garota — Será tua morte se um dos meus lhe encontrar.

— O amor me deu asas para atravessar os muros, pois barreira nenhuma segura o amor. Nenhum dos seus jamais poderia me deter — Arthur está se declarando para outra? — e em teus olhos há mais perigo do que em vinte punhais deles.

— Por nada nesse mundo desejará ser visto! — diz a garota. — Me amas? Sei que dirá que sim. Mas PERIGOSAS ACHERON

se jurares talvez seja falso.

— Ora, Ora, Ora. A princesa foi trocada! — Cassandra diz, em deboche — Como viverá sabendo que o seu amor está amando outra?

— CALA A BOCA!

Eu não podia crer que ele estava me trocando na frente de uma enorme plateia, sou tão substituível que não teria nem o trabalho de terminar comigo? Ela roubou o coração dele, e eu devo tomar novamente o que é meu.

O som do teatro fica inaudível devido ao barulho dos outros alunos vestidos com roupas antigas e bregas. Cassandra se materializou ao meu lado. Não havia tomado as porções naquele dia, o que me deixava mais frágil ao contato do submundo e eu logo poderia me transformar sem que pudesse voltar ao meu lar.

— De fato, ele não te ama — Cassandra fala,

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhando-me em longos passos. – Você tem que pegar a alma dele para retornar.

Depois de algum tempo, consigo atravessar a multidão de alunos e subo as escadas que dão acesso ao palco.

Minhas pernas pesam e fico cada vez mais zozona. Termino de subir ao palco com dificuldade e lá, pra minha surpresa, estão dezenas de pessoas do submundo. *Droga*, porque eu não tomei minha porção?!

Arthur está deitado no palco, em cima do colo da tal garota, desacordado.

— O que vejo aqui? Um copo bem fechado nas mãos do meu amor? Sim: veneno foi o seu fim prematuro – diz a garota, segurando Arthur no colo enquanto chora. – Cruel, bebeu tudo sem me deixar uma só gota para o seguir.

— Você nos trocou por um homem morto,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu doce – escuto a voz do meu pai, porém não o vejo.

Morto? O amor da minha vida? Não consigo acreditar em toda essa confusão. O palco está lotado de submundanos e alunos. Lá em baixo, as cadeiras estão lotadas e todos chorando com a morte de Arthur.

— Vou beijar-te, quem sabe ainda há veneno.
– Continua a garota, beijando-o – Teus lábios estão quentes.

Caio no chão, atrás da cortina. Estou cada vez mais tonta. Acabada e choro. Estou confusa e com medo.

— Veja se a alma dele ainda está lá, garota – Cassandra fala, me ajudando a levantar – Você poderá pegá-la para voltar conosco.

Ela me empurra e todos me olham, quero acabar logo com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tontura.

Vozes.

Corro.

Como faço para pegar uma alma?

Chego perto de Romeu.

— Sai daqui, sua louca! — diz a garota, de pé e ainda com lágrimas no rosto.

Ela segura meu pulso.

Tontura.

Barulho.

Aplausos.

Ela está desacordada, no chão da plateia. Eu empurrei ela do palco?

Não consigo segurar meu peso

— Como faço para pegar a droga de uma alma?

Gritaria.

PERIGOSAS ACHERON

Alguém me derruba.

Acordo no quarto em que estou vivendo até hoje.

Afinal, o que Arthur sentia por mim? Ele seria capaz de morrer por mim também? O que aconteceu naquele dia?

São coisas que nunca terei uma resposta, mas Cassandra me diz que não se pode confiar em humanos, menos ainda se forem homens.

Foi esse o meu fim, o dia em que eu fui condenada a viver eternamente nesse mundo horrível.

— Chegou a hora da consulta, Vitoria! — diz uma mulher, batendo na porta do meu quarto.

Acompanho-a pelo corredor.

— Vitoriaaaaa — Cassandra surge dizendo, em tom de deboche. — Isso nem é nome de verdade, posso te chamar de derrota? É mais coerente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cala a boca, garota – sussurro.

— Ainda consegue escutar vozes, anjinho? – a mulher pergunta, entrando na sala.

— Não – respondo. Cassandra ri mais uma vez.

“Sanatório, Doutora Sandra” diz a placa na porta da sala.

— Onde está o seu senso de humor, Ariel?

PERIGOSAS ACHERON

Seu Amor em Três Dias

Katerine Grinaldi

*Fevereiro, em todos
os lugares.*

Ninguém sabe ao certo como começou, tampouco se, em algum momento, terminou. Paira como uma lenda. De fato existia? De fato funcionava? A única certeza era a mensagem espalhada pelos muros de todos os lugares: “trago seu amor em três dias”.

Poucos tinham coragem de tentar encontrá-la ou, na verdade, confessar tê-la procurado. A verdade é que ela não aparecia para todos, ela não era fácil de se achar, ela era quem encontrava.

Espalhavam aos quatro ventos que ela era como uma cigana. Cabelos pretos caindo em cascata sobre os ombros, roupas sensuais. Ou como uma bruxa de desenhos infantis,

barriguda, nariz enorme, cabelos grisalhos... Ah, não posso me esquecer da verruga na ponta do nariz. A verdade é que ela era uma mulher normal como a que senta ao seu lado no ônibus, como a que compra doces na sua padaria.

Ninguém nunca conseguiu contar a história dela. Eis que lhe darei a oportunidade de conhecer.

Cabelos loiros cortados um pouco abaixo das orelhas, olhos espertos e azulados, porém constantemente distraídos. Talvez fosse o seu quadro de ansiedade que não lhe permitisse focar nos detalhes, focar na vida, e a fizesse se perder por aí. Embora ela gostasse de acreditar que era o amor que a deixava assim. Quando se dava conta, havia esquecido o jornal, as anotações de anatomia, a cabeça — *não, ainda não chegamos nesta parte* —, até mesmo o caminho de casa.

— Precisando de ajuda?

PERIGOSAS NACIONAIS

A jovem loira sentiu ter se encontrado naquela voz rouca e carregada de sotaque. Seu dono era branco, tão branco que era possível ver algumas de suas veias. Ainda assim, lindo. Limpava as mãos em um pano. *Eu comentei que ela acreditava ser amor a fonte de sua distração... Não. Não. A jovem havia acabado de encontrar o amor. Os rapazes de outrora, acaso reais, foram jogados ao vento como a distração dela.*

Os dois entraram na confeitaria e, a partir daquele dia, ela nunca mais se perdeu. Talvez nunca o tivesse. Devia ouvir mais vezes aquela voz interior. Todos os dias, após suas aulas na faculdade de Medicina, errava seu caminho habitual até a confeitaria onde o moço de voz rouca trabalhava. Tomavam sorvete. Experimentaram todos os sabores, misturando-os e, quando não havia sorvete, ficavam apenas se olhando e jogando conversa fora.

PERIGOSAS ACHERON

Após um ano de muitos sorvetes e olhares cúmplices, o casamento ocorreu. *Espetacular. Não, nada de luxo.* Tudo o que era estritamente necessário. De acordo com a jovem: apenas os dois. De acordo com o noivo: o básico. Ele venceu. A cerimônia foi realizada dentro da loja e como testemunhas e convidados apenas o dono, os fiéis clientes e a mãe da moça avoadada que não tinha mais o pai, seu corpo nunca foi encontrado. O andar de cima da confeitaria abrigaria os pombinhos por toda a eternidade.

Cinco anos de matrimônio, sem filhos, recém-formada em Medicina; a moça não podia estar mais feliz quando o dono da confeitaria presenteou o casal com uma viagem para a região litorânea. Sete dias. Assim que retornassem, a responsabilidade da loja passaria para o seu marido, afinal, o dono se aposentaria. Arrumaram suas malas. Ele, duas; ela apenas uma bagagem de mão. Para a moça

PERIGOSAS ACHERON

bastavam os dois. *Não podiam estar mais felizes, todavia, a gente já sabe o resultado, não é mesmo? Quando a esmola é demais, até o santo desconfia.*

Estavam a apenas duzentos metros de casa, enquanto ela dirigia cantarolando a música preferida deles, no instante em que a cabeça do marido pendeu para frente. Talvez a moça avoada estivesse avoada demais para notar antes os sintomas de uma insuficiência cardíaca. Perdeu o controle do carro assim que viu o marido desmaiado, mas, em tempo de não baterem numa árvore, freou bruscamente o carro, jogando-o no acostamento.

Chamou o marido algumas vezes antes de tentar ressuscitá-lo — com procedimentos médicos, claro —, no entanto, a vida o tinha abandonado. A vida os tinha abandonado. Chorou. Compulsivamente. O esposo deitado no banco de

PERIGOSAS NACIONAIS

trás, morto. Estava perdida novamente. Incompleta.

Pensou no gatinho que ele lhe deu no aniversário de dois anos de casamento. O bichinho morreu um mês depois, envenenado. Ela não soube se despedir. Agarrou o bichano e o manteve em seu quarto por dias, até que ele sumiu. Desconfiava de que seu marido o houvesse levado, no entanto, ela devia saber que não sabia lidar com a morte.

Dirigiu o carro até a confeitaria. Guardou-o na garagem e subiu as escadas. Teve certa dificuldade. O peso era considerável. Acendeu o abajur da escrivaninha, ligou seu computador e pesquisou: *formaldeído*. Anotou algumas coisas em seu diário e retirou a toalha da mesa de jantar. Substituiu por algo bem mais bonito. *Desinfetantes*. Nada podia ser mais belo que seu marido. Ainda lindo, mesmo após aquela despedida trágica. *Massageou seu*

PERIGOSAS ACHERON

corpo, seus músculos. Sorria para ela como sempre, ainda com aquele brilho especial no olhar. A encarou maliciosamente após seus toques carinhosos. *Pegou uma faca e fez uma incisão. A troca estava sendo feita.* Em menos de quatro horas, seu marido estava na cama, esperando-a como fez nos últimos cinco anos.

A responsabilidade da confeitaria passou para o marido que, infelizmente, não pode assumir o posto presencialmente devido à enfermidade que o acometeu na viagem. Contagiosa, inclusive. A moça se prontificou, o dono concordou.

Após alguns meses, a clientela foi diminuindo. Talvez ela não tivesse a mesma vivacidade de seu marido, talvez ela não conseguisse espantar o cheiro que insistia em dizer que era do ar-condicionado. O local foi ficando às moscas. Não por causa do cadáver, claro que não. Um dia, ela

estava indo jogar o lixo, quando tropeçou em uma jovem sentada no meio-fio. A pobrezinha chorava. Perdida como um dia ela mesma fora.

— Querida, entre comigo. Vamos tomar um chocolate quente.

A moça achou estranho tomar um chocolate quente em um dia tão quente, no entanto, estava triste demais para não se render a um chocolate. Além do mais, a funcionária de lindos cabelos loiros tinha um dom nato de persuasão, um sorriso encantador e uma áurea maternal. Foram para a mesa mais distante da porta.

— Ele me deixou — desabafou assim que tomou o primeiro gole.

— *Um namorado é o motivo para o seu sofrimento?* — Os cabelos ruivos balançaram com a confirmação. — Posso trazê-lo para você em até... Três dias. Apenas me dê o endereço. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurou a mão da triste jovem.

— Ele não me quer mais...

— Apenas *você* precisa querer. — A jovem levantou as sobrancelhas, assustada. — A sua determinação o trará de volta.

A ruiva sabia que relacionamentos não deviam funcionar quando apenas um queria, sempre escutara os conselhos, no entanto, teve fé. E se a moça à sua frente fosse uma feiticeira? Via sua mãe constantemente coando o café de seu pai em sua calcinha para que ele não abandonasse o matrimônio. Talvez a loira à sua frente conhecesse simpatias diferentes. Rapidamente deslizou a caneta por um guardanapo. O endereço de seu ex estava ali. Suas lágrimas foram substituídas por um largo sorriso. Levantou-se contente e, antes de sair, perguntou sobre o ombro:

— Você é feiticeira, né?

PERIGOSAS ACHERON

— Querida, fique tranquila e me chame como quiser. Dou jeito até na morte.

Três dias depois, conforme o combinado, a jovem retornou à confeitaria. Assim como a loira, ela encontraria a felicidade novamente. O automóvel da dona estava estacionado do lado de fora do estabelecimento e algumas malas estavam no banco de trás. *Quem usa o banco de trás quando se tem um bagageiro?! Pensou, mas deixou para lá a vida alheia.* Conferiu seu vestido preto de renda na janela do veículo e entrou.

— Ótimo vestido para a ocasião — elogiou a feiticeira, fazendo a moça sorrir.

Em seguida, a feiticeira, cigana, ou como você preferir chamá-la, pediu que a ruiva subisse a escada em caracol. O jantar seria no segundo andar para que tivessem privacidade, caso algum cliente chegasse. Mais feliz impossível, a jovem subiu

PERIGOSAS NACIONAIS

degrau por degrau calmamente com seus saltos fazendo barulho no piso de ferro. Velas enfeitavam o ambiente romântico no qual seria o reencontro de reconciliação. Aproximou-se um pouco mais e viu seu ex. Sorriu para ele, porém, não obteve retorno. Sabia que não ia dar certo. Andou mais um pouco e um grito escapou dos seus lábios.

— Gostou da surpresa? — indagou a loira amigavelmente.

Seu ex namorado estava sentado à mesa, mas não por livre e espontânea vontade. Cordas o mantinham fixo na cadeira. Apenas estando próxima o suficiente, com a luz da vela o iluminando, pode notar. Estava pálido, os lábios levemente arroxeados. Morto. Sua cabeça estava ligeiramente torta para o lado esquerdo, ainda que parecesse estar olhando para a frente.

— Não consegui manter a cabeça de pé.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus... Você o matou. — A jovem balbuciou, um tanto ofegante, como se sua pressão estivesse caindo e fosse desmaiar a qualquer instante. Levou as mãos aos fios ruivos, completamente desnorteada. — Não era isso que eu queria...

— Claro que era. Vocês agora podem se reconciliar.

A jovem encarou a feiticeira como se estivesse vendo um fantasma. Não. Como se ela fosse completamente louca e devesse estar internada e não cuidando de uma confeitaria. Pensou em dizer algo. Exatamente a mesma coisa que você diria no lugar dela: “*você é louca*”. Um misto de pergunta com afirmação e espanto. Todavia, a faca que cruzou sua garganta de um lado ao outro falou em seu lugar. Na verdade, a calou para sempre. Engasgou-se com o próprio sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A loira a carregou até a cadeira e a sentou ao lado do namorado. Dali a pouco tiraria uma foto dos pombinhos reconciliados. Antes, precisava limpar o chão e dar a eles um tempo para que conversassem. Enquanto vivesse, ninguém ficaria incompleta. Traria todos os amores em três dias. Se pudesse, até em menos.

PERIGOSAS ACHERON

O Primeiro Encontro

Mione Le Fay

Eu nunca fui muito ligada a tecnologia até conhecer Daniel em um grupo no Facebook, ele era um cara bem legal e inteligente e adorava conversar com ele por horas a fio através de mensagens no WhatsApp, por isso toda vez que meu celular vibrava eu corria para ver se era mensagem dele.

“E então, Maria? Vamos nos ver nesse sábado?”

Eu vi a mensagem dele e dei pulinhos de alegria, eu estava doida para conhecê-lo, mas tinha vergonha de chamá-lo para um encontro.

“Sábado seria ótimo. Onde vamos nos encontrar?” respondi aguardando sua mensagem que não demorou para chegar.

“Pode escolher, assim Melissa não vai dizer

que estou te levando para um lugar deserto para te matar.”

Eu ri com o comentário dele, Melissa era a minha melhor amiga e, às vezes, dava uma de mãe, querendo me proteger, ela me disse diversas vezes para eu tomar cuidado com Daniel, pois não sabia quem ele era, que eu não devia confiar em alguém que conheci na internet e tudo mais. Acabei contando isso para Daniel em uma de nossas conversas.

“Que tal no Shopping Nova América? Tem uns barzinhos legais por ali”

Esperava que ele aceitasse, pois o Nova América era o local onde trabalhava, conhecia muita gente por ali e também ficava perto da minha casa, por isso me sentia segura e confortável.

“Combinado, então, 20h no sábado em frente ao cinema? Desculpa, não conheço outros lugares.”

Eu mandei um *emoji* de joinha para ele e rapidamente liguei para Melissa.

— Amiga, por favor, não surta! — disse assim que ela atendeu o telefone. — Mas eu vou me encontrar com o Daniel no sábado.

— Você ficou louca? Você tem noção de quantas mulheres somem e são mortas por encontrar caras que conheceram na internet? — Ela praticamente gritava do outro lado da linha.

— Eu vou encontrá-lo no Nova América, conheço todo mundo aqui e é cheio de gente — justifiquei. — Eu tô segura, confie em mim... Eu sei me cuidar.

— Não, Maria, você não sabe se cuidar, você confia demais nas pessoas... — Ela ficou calada por um tempo ponderando e então soltou um suspiro audível no telefone. — Olha, só me promete que não vai para a casa dele e que vai me

ligar no menor sinal de perigo.

— Eu prometo — respondi.

Sabia que Melissa não ia ficar calma, mas eu sabia me cuidar e estaria perto de casa, em um local em que conheço muitos dos funcionários, fora que eu já tinha stalkeado bastante Daniel, ele não era um psicopata, na verdade ele era o cara ideal para mim.

Contei os dias e as horas para o encontro no sábado, eu estava extremamente animada para conhecer Daniel, conversamos durante a semana sobre o encontro, como estaríamos vestidos e sobre os barzinhos que poderíamos ir, de forma que, ao chegar no sábado, eu estava com o roteiro de tudo o que faríamos na cabeça.

E às 20h ao chegar na frente do cinema, reconheci Daniel, por um tempo observei ele de longe, com vergonha de me aproximar, ele era um

PERIGOSAS NACIONAIS

cara muito confiante e mostrava isso na forma que se portava. Com timidez, me aproximei dele.

— Daniel? — perguntei mais por educação, eu tinha certeza que era ele, eu já tinha visto tantas fotos dele que se duvidasse era mais fácil eu reconhecer ele do que a mim mesma em uma foto.

— Maria? Uau... Você não parecia tão gata nas fotos — disse ele e eu sorri ficando vermelha.

— Você também está muito bonito — respondi timidamente, tropeçando em minhas palavras.

— Bem, eu faço o possível. — respondeu dando um sorriso confiante. — Então, onde fica o lugar que você quer me embebedar? Apesar que suas bochechas estão me dizendo que é você que precisa beber um pouco — disse, passando a mão pelas minhas bochechas que ficaram ainda mais vermelhas e eu novamente sorri, sem saber o que responder.

PERIGOSAS ACHERON

Levei Daniel até o meu barzinho favorito, a bebida lá era boa, era mais fresco e apesar de ter uma música ambiente, esta não era alta, o que não atrapalhava a conversa, Daniel pareceu gostar do local e se sentou na cadeira ao lado da minha na mesa, pediu uma cerveja para nos dois.

Enquanto bebíamos, começamos a conversar sobre assuntos triviais como o tempo e futebol e então passamos para nós dois e nossos relacionamentos do passado, na verdade Daniel falava mais do que eu, afinal eu não gostava muito de falar dos meus ex, a essa altura Daniel não parecia ter tanto pudor na forma que falava

— Eu não acredito que uma gata como você está realmente solteira — disse de forma sedutora e eu sorri de timidamente.

— Na verdade, eu terminei há pouco tempo — respondi ainda constrangida. — Meu ex era meio

PERIGOSAS NACIONAIS

babaca e depois de uma briga... Ele meio que sumiu no mundo.

— Olha, ele era babaca mesmo — respondeu e senti sua mão por baixo da mesa encostar em minha coxa. — Se eu fosse seu namorado, eu nunca deixaria você.

Eu afastei minha perna dele, meio incomodada e bem sem graça, ele a princípio pareceu entender e tirou a mão da minha perna.

— Infelizmente nem todos os caras são legais como você — respondi.

Eu sabia que ele não tinha ficado contente com o fato de eu ter afastado a mão dele, porém o meu elogio pareceu inflar um pouco seu ego, pelo menos o suficiente para ele desencanar disso.

— É que nem todos os caras sabem esperar o tempo certo — retrucou e piscou para mim — Eu vou no banheiro, já volto.

PERIGOSAS ACHERON

Confirmei com a cabeça e não tinha certeza se ele tinha ido ao banheiro por querer mesmo ou por ter ficado chateado por eu ter bloqueado sua investida, de qualquer forma, quando Daniel voltou ele parecia o mesmo. Bebemos um pouco mais, conversamos sobre vários assuntos e Daniel foi ao banheiro diversas vezes depois disso, o que era comum para quem bebia tanto quanto ele.

— Eu acho que tá na hora de eu parar de beber... — disse quando voltou do banheiro.

— Eu já teria parado há muito tempo com a quantidade de cerveja que você tomou — respondi rindo, vendo que ele realmente parecia bem grogue.

— Não, eu consigo beber mais do que isso — afirmou se sentando. — Eu estava ansioso para te conhecer e não comi muito bem, foi isso. — Mesmo bêbado, ele continuava sendo galanteador. — Eu acho que vou ficar com uma ressaca incrível

amanhã...

— Não se preocupe, eu tenho um remédio caseiro ótimo para curar ressaca — respondi a ele.

— E já que em parte a culpa foi minha, eu vou cuidar de você.

— Você está me convidando para a sua casa?
— perguntou erguendo a sobrancelha.

— Eu não vou deixar você sozinho nesse estado — respondi de forma óbvia.

— E você não tem medo de levar um “cara que conheceu na internet” para a sua casa? — voltou a perguntar brincando com a forma que eu lhe disse que Melissa o chamava.

— E você não tem medo de ir para a casa de alguém que conheceu na internet? — disse sorrindo para ele, com um tom de brincadeira.

— Eu vou me arriscar — finalizou, chamou o

garçom e pagou a conta.

Saímos do shopping e, por eu morar perto, fomos andando até a minha casa, tive que ajudar Daniel que estava já embolando as próprias pernas. Quando chegamos em casa, eu o coloquei sentado no sofá.

— Fique aqui, eu vou preparar o chá que te falei — disse para ele e fui para a cozinha.

Quando Daniel acordou, eu estava terminando de amarrar a sua mão, ele puxou algumas vezes, sem entender o que estava acontecendo.

— O que é isso? — perguntou ainda grogue me olhando. — Gosta de brincar? — Essa não foi exatamente uma pergunta, foi mais uma afirmação.

— Adoro — respondi, me aproximando do rosto dele de forma um pouco sensual. — Sabe,

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel, eu pesquisei muito sobre você e sabe o que descobri? — perguntei colocando silver tape em sua boca. — Que você foi acusado duas vezes por agressão e outras três por assédio, mas nunca foi a julgamento, já que seu pai é juiz... E é por isso que eu queria tanto conhecer você.

Nessa hora, finalmente caiu a ficha para Daniel, foi possível ver em seus olhos arregalados e em sua tentativa patética de se soltar das amarras, eu me sentei ao seu lado.

— Eu até cheguei a pensar que você era um cara legal, sabe? Por um momento cheguei até a acreditar que as acusações foram falsas... Mas então você mais de uma vez passou a mão na minha perna, mesmo eu demonstrando que estava desconfortável com isso. — Eu sorri para ele, que tentava se soltar desesperadamente. — Você não devia ter deixado seu copo ali enquanto ia no

PERIGOSAS ACHERON

banheiro...

O desespero dele me excitava de uma forma que eu não conseguia me controlar, eu me levantei, tirando o vestido, eu adorava aquele vestido branco e não queria estragá-lo, fui para cima dele e levei minha boca até seu braço, onde dei uma forte mordida, escutando o grito abafado de Daniel enquanto meus dentes dilaceravam sua carne, depois de engolir a carne do seu braço eu o olhei, o sangue dele manchava a minha boca e eu sorri

— No fim, você tem razão, você é um cara bem gostoso — falei rindo antes de afundar meus dentes novamente em sua pele.

— Ai, amiga... Ele era até que um cara legal, mas, no fim, não deu certo... — respondi para Melissa no telefone. — Não sei, não falei mais com ele depois daquele encontro... Mais um cara que

PERIGOSAS ACHERON

conheço que simplesmente some depois... Acho que vou ficar pra titia no fim das contas.

— Maria, fica assim não, esses caras não te merecem — ela me consolava do outro lado da linha. — Que tal se a gente fizesse algo juntas esse final de semana? Podemos fazer a tarde das garotas, filmes, comer um bando de besteiras e falar mal dos caras, o que acha? Podemos chamar a Ju e a Rê.

— Olha, até que seria uma boa... Mas que tal se fizéssemos um churrasco? — respondi, indo para o porão. — Eu tenho uma carne muito gostosa aqui em casa e posso levar. — Abri o freezer horizontal dando de cara com o que sobrou de Daniel. — Carne suficiente para nós quatro.

Parque dos Segredos

Carol Antonucci

Eu não estava pronto.

Sabia disso antes mesmo de sair do carro. Minhas mãos permaneceram agarradas ao volante por um tempo considerável, mas me obriguei a me recompor. Era só uma garota afinal de contas.

Bom, era *a* garota, na verdade. Fazia certo tempo que eu não me permitia me aproximar do sexo oposto, desde o último relacionamento desastroso, mas lá estava eu, entrando de cabeça mais uma vez.

Meredith era engraçada, dona de um sorriso contagiante e de um jeito espontâneo. Além disso, trabalhava durante as férias da universidade em um parque de diversões que foi inaugurado recentemente.

Eu não sabia quais eram suas intenções me levando àquele lugar no meio da noite de uma segunda-feira, o único dia da semana em que o parque fechava.

O suor crescente nas palmas das mãos me incomodava, portanto tratei de enfiá-las logo nos bolsos do jeans. Apesar do olhar intrigado, Meredith não fez comentários, apenas se moveu com leveza até os portões com um molho de chaves na mão. Meus olhos se arregalaram e minha ansiedade aumentou enquanto eu a observava lidando com os cadeados na maior tranquilidade. Se Meredith não estivesse de costas, certamente riria do meu olhar acusatório, dizendo que eu era um velho.

Assim que as correntes desabaram ao chão e um ruído reverberou pela estrada, Meredith liderou o caminho, adentrando no parque. A segui,

respirando fundo e focando em apenas aproveitar aquela noite nebulosa e gélida.

— Por onde deseja começar? — perguntou Meredith com um sorriso malicioso no canto da boca.

— Você é a instrutora, me mostre os melhores brinquedos.

— Acha que aguenta?

Provavelmente não, mas mesmo assim dei uma piscadela, confirmando.

Meredith saiu saltitando, e tive de me apressar para acompanhá-la. A neblina nos cercando era densa e quase não era possível distinguir os brinquedos. O chão também era irregular e, por mais de uma vez, tropecei.

Torci em silêncio para que ela não estivesse tirando sarro da minha cara e, na verdade, estivéssemos indo nos agarrar. De preferência em

algum lugar protegido e iluminado, porque o parque podia estar deserto, mas eu sentia como se houvesse olhares em cada esquina.

Quando Meredith parou, não pensei duas vezes antes de abraçá-la, mas ela me afastou.

— E então? — perguntou ela, levantando as sobrancelhas em desafio.

— O quê? — devolvi, desentendido.

— Vai encarar? — ela apontou para trás e então eu vi.

Levantando os olhos vagorosamente, encontrei um brinquedo tão alto que eu nem mesmo conseguia enxergar qual era através da neblina. Eu me esforcei em prestar atenção nos detalhes, afim de identificá-lo, e assim que consegui, dei cinco passos pra trás.

— Você está brincando!

— Qual o problema, docinho? — provocou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meredith. — A Torre é um dos brinquedos mais disputados do parque, todos adoram.

— Ninguém vai na Torre com essa maldita neblina, nem deve ser permitido! — falei, começando a me irritar.

— Sério que você vai ser estraga-prazeres? — resmungou ela.

Havia conhecido Meredith há poucos meses e estávamos saindo juntos desde então. Ela sempre fora uma garota alegre e aventureira, mas nunca exatamente doce. No minuto em que eu discordava de algo, sua expressão mudava e Meredith se calava.

Nunca compreendi muito bem seus pensamentos. Em um minuto ela estava bem, e no seguinte ela parecia ser outra pessoa. Meredith era um mistério para mim. Recusava-me a admitir, mas, provavelmente, esse era o motivo por me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir atraído por ela. Queria desvendá-la e testar seus limites, mas, naquele momento, comecei a pensar se não seria melhor ir embora.

Meredith não estava furiosa, tampouco estava feliz. Todo seu entusiasmo evaporara e ela assumira uma posição firme. Apesar de tentado a contrariá-la, resolvi dar mais uma chance ao nosso pseudo-relacionamento. Talvez eu pudesse ajudá-la a controlar melhor seu temperamento com o tempo. Ou não. De qualquer forma, não queria correr o risco de terminar a noite largado sozinho naquele parque de diversões assustador.

— Tudo bem — soltei, respirando fundo. — Eu vou.

Meredith não se deu por satisfeita, mostrando algum tipo de alegria, mas também não se opôs.

Sentei-me, ela me auxiliou com os braços e então saiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Aonde você vai? — gritei, embora não fosse necessário.

Meredith sorriu. Um sorriso verdadeiro e resplandecente que nunca vi igual.

— Vou te levar às alturas.

— Mas eu achei que você ia junto!

Ela deu de ombros.

— Alguém precisa controlar a máquina.

Comecei a me agitar. Não conseguia acreditar naquilo. Ela me pregou uma bela peça.

Minha vontade era de trucidá-la, mas o brinquedo já estava subindo, e o desespero me consumia. Não tinha problemas com parques, muito menos com a Torre, mas o clima não estava propício. Quanto mais o brinquedo subia, mais o frio alcançava meus ossos. Meus dentes batiam e meu corpo inteiro tremia com força. Em certa altura, eu não enxergava absolutamente mais nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que estivesse abaixo de mim. À minha frente, um grande vazio branco e espesso me engolia.

Meu coração batia acelerado. Adrenalina percorria minhas veias e o desespero passava a me sufocar. Eu precisava sair daquele brinquedo.

Eu precisava.

E então eu caí.

Eu berrei.

Muito, muito rápido.

Não deve ter durado nem dois minutos, mas eu sentia como se tivesse passado uma vida agarrado à proteção da Torre.

Não sei como cheguei lá embaixo, nem em que estado me encontrava.

Só me lembro de Meredith me encarando com os olhos cintilantes, repletos de prazer. Não duvido que se divertiria me levando lá para cima ao longo

PERIGOSAS ACHERON

da noite toda.

Eu me levantei, cambaleando, e passei batido por ela.

— Estou indo embora.

Não esperei por uma resposta.

Continuei a andar, tonto, sem olhar para trás.

Então senti um baque na cabeça.

E tudo ficou preto.

Pisquei.

Minha visão estava embaçada. Tentei levantar os braços, mas não consegui. Algo forte e sólido mantinha meus braços e pernas presos.

Forcei os olhos a se adaptarem à claridade excessiva e quanto mais meu cérebro captava do cenário, mais eu me perguntava onde estava.

O lado direito da minha cabeça latejava como

se tivesse sido atingido com um objeto pesado. Um fio quente escorria e trilhava seu caminho pelo meu rosto até chegar ao queixo e cair em pingos em minha roupa. Abaixando a cabeça, ainda me sentindo atordoado, descobri que era sangue.

A constatação me fez despertar. Percorrendo o olhar pelo cômodo, encontrei vários papéis espalhados sobre uma bancada de madeira e, ao lado, havia seringas e líquidos dentro de vidrarias.

Facas de diversos tamanhos estavam penduradas na parede e, em uma mesa menor, estavam dispostos instrumentos comumente usados por médicos e cirurgiões, como bisturis e tesouras.

Eu não sabia o que fazer para fugir. Meus punhos e pés doíam de tão apertados. O ferimento em minha cabeça continuava a sangrar e eu só queria chorar.

O barulho da porta sendo escancarada me fez

pular.

Meredith entrou na sala, atenta ao conjunto de folhas em suas mãos. A porta continuava aberta e eu precisava descobrir como chegar lá.

Ela logo depositou as folhas na mesa e caminhou em minha direção.

Rudemente, inclinou minha cabeça, estudando o buraco que estava ali.

— Por quê? — perguntei num sussurro.

Seus olhos vagaram cuidadosamente por cada detalhe de meu rosto e então se voltaram para os meus. Sem emoção alguma. Como se eu fosse apenas um rato de laboratório.

— Eu precisava de um novo projeto.

Virando-se, Meredith se distanciou e pegou uma seringa, injetando-a em um dos vidros e capturando seu conteúdo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas como... — balbuciei.

— Eu sou cientista. Encontrei essa casa abandonada há alguns anos e a considerei perfeita para transformar em um laboratório. O problema é que os curiosos que passavam pela estrada perceberam a mudança que fiz no lugar, e antes que viessem meter o nariz, resolvi construir um parque para acobertar o laboratório. Seria apenas uma casa sem graça afastada de toda a atração que o parque oferecia. Ninguém ia se interessar mais e funcionou. Minha família é rica e nunca questionaram o que faço com o dinheiro.

Engoli em seco, apavorado. Meredith era louca. Todo o mistério que a envolvia era sujo e ia muito além do que eu imaginava. Sua mente era obscura e monstruosa. Ela construía um parque só para poder fazer seus experimentos e torturar pessoas à vontade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso fazer mais pela ciência, sabe? — disse ela, se aproximando. — Preciso continuar estudando e contribuindo para evolução da medicina.

Ela não estava se explicando ou se desculpando. Eram apenas palavras vazias e sombrias ganhando poder.

— Você entende, não é?

Meredith estava a um passo de mim, seu semblante eufórico e pavoroso, enquanto meu coração pulsava alucinado.

— Você é uma boa cobaia.

E então meu mundo virou uma profunda e imensa escuridão.

PERIGOSAS ACHERON

Príncipe Encantado
Aline Cristina Moreira

*“Someday my prince will come
Someday we'll meet again
And away to his castle we'll go
To be happy forever, I know”*

Someday My Prince Will Come, Adriana Caselotti

Aquela era a quinta vez que eles saíam juntos e Joana estava muito feliz com a maneira com que Mateus a tratava. Desde que começaram a sair, ele agia como um perfeito cavalheiro. Pedia sua opinião na hora de escolher a comida nos restaurantes, abria as portas para ela; tudo estava sendo absolutamente perfeito. Até aquele momento.

Depois daquele encontro, Mateus insistira que queria levá-la para conhecer um lugar e, embora estivesse receosa por conta do horário, Joana

acabou aceitando, afinal ele sempre se comportara como um homem digno e gentil.

Mateus a levou a um mirante. Um lugar realmente lindo, embora estivesse pouco iluminado. A falta de iluminação neste caso até ajudava, pois eles podiam observar as estrelas de uma maneira que era quase impossível no meio da cidade.

— Este lugar é lindo! — disse Joana apoiando suas mãos no parapeito que servia de barreira para impedir que as pessoas caíssem no mar. — E o barulho das ondas batendo lá embaixo é tão relaxante.

— Eu também acho — Mateus respondeu passando um braço pela cintura dela e a abraçando por trás, pousando sua cabeça no ombro da jovem. — Sempre venho aqui quando quero pensar ou acalmar meus pensamentos.

— É simplesmente perfeito — ela comentou

encostando-se a ele, despreocupada. — Parece tão incrível que exista um lugar assim tão perto do centro da cidade, que é tão agitado. É como se fosse uma bolha em meio a todo o barulho que sempre nos cerca. — Mateus assentiu e deu um beijo no pescoço dela. Joana gostou do carinho que recebia, mas, de alguma forma, achava que se continuassem daquele jeito, isso poderia apressar um pouco as coisas. — Bem, está ficando tarde — ela comentou soltando-se dos braços dele e se afastando um pouco para encará-lo. — Acho que é melhor irmos embora.

— Embora? — Mateus perguntou surpreso. — Mas nós acabamos de chegar, e temos o lugar todo para nós. Pensei que pudéssemos aproveitar um pouco o momento. — Aquelas palavras a deixaram levemente alarmada.

— Eu pensei que estivéssemos aproveitando

todos os momentos que passamos juntos. — Joana respondeu com o cenho franzido.

— É claro que estamos, meu amor — Mateus disse voltando a se aproximar, passando as mãos pela cintura dela novamente. — Mas isso não significa que não podemos melhorar esses momentos únicos. — Joana engoliu em seco tentando conter a raiva que começava a dominá-la.

— E por melhorar, você quer dizer...

— Eu quero dizer que talvez possamos ir a um lugar mais reservado para que eu possa amá-la plenamente — ele respondeu voltando a beijar o pescoço dela e, em seguida, fazendo uma trilha de beijos até seus lábios, que beijou de maneira apaixonada, mas a jovem não o correspondeu.

— Não! — Ela afastou seu rosto do dele. — Então é só disso que se trata? — Joana perguntou com frieza. — Eu sou só mais uma que você quer

levar pra cama? — Mateus parou de tentar beijá-la e deu alguns passos para trás para encará-la com uma expressão zombeteira.

— Eu não diria que meu único objetivo era levá-la pra cama. Você é uma garota legal e eu gosto muito de conversar com você, mas não creio que possa ser tão ingênua a ponto de pensar que não a acho atraente. — Ele acariciou seu rosto. — Nós já saímos juntos algumas vezes, ora essa, não precisa agir como uma jovem inocente. Posso lhe garantir que o que quer que aconteça será bom pra nós dois. — Joana o empurrou para longe de si.

— Você realmente não é a pessoa que eu pensei que fosse — a jovem falou com raiva e à beira das lágrimas. Finalmente achara que tinha conhecido uma pessoa que realmente gostava dela, mas não foi isso que aconteceu. — Você é igual a todos os outros. Fingiu que gostava de mim e

agora...

— Agora o quê? — Mateus indagou perdendo a paciência. — Você achou que eu ficaria te levando pra jantar toda hora, a cinemas; se não quisesse algo a mais? Faça-me o favor! Você está achando que eu sou algum tipo de príncipe encantado? — Ele riu da cara da jovem que o encarava assombrada, ao ouvir aquelas palavras tão frias e calculistas. Mateus podia não gostar dela, mas era realmente necessário humilhá-la daquela maneira? — E eu acho que depois de ter sido um homem tão dedicado mereço alguma compensação.

— Compensação? — Joana indagou com fúria. Era como se a cena de todas as vezes em que fora rejeitada, estivessem passando diante de seus olhos. Mateus, completamente alheio a isso, voltou a se aproximar e a puxou pela cintura.

— Sim. E se você não quer ir para a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

casa ou a sua, isso pode acontecer aqui mesmo. — Mateus estava tão concentrado em beijar Joana, começando a levantar seu vestido, que não percebeu quando ela pegou um palito de metal que prendia seus cabelos. E quando ele passou a puxá-la pela cintura e tentar forçá-la a se entregar a ele, Joana acertou suas costas com o objeto de metal. Mateus se agachou devido à dor e a jovem puxou o palito de suas costas e deu um passo atrás. — Você está maluca? — Mateus perguntou gritando. — Olha o que fez! — A camisa dele, que antes era branca, agora estava manchada pelo sangue que saía de seu ferimento.

— E o que você fez? — Joana indagou séria, embora seus olhos contivessem um brilho que qualquer um teria relacionado à loucura. Nem sequer parecia mais a jovem com quem ele estava falando há alguns minutos.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu só te beijei, garota. Você é completamente louca. — Ele insistiu tentando tocar seu ferimento por sob a camisa. — Aposto que é uma dessas mulheres frígidas e que surtam a qualquer tipo de toque. Você pode ter certeza de que vou à delegacia te denunciar. — Joana apenas deu um sorriso zombeteiro.

— Eu disse que queria ir pra casa — ela falou dando um passo à frente e Mateus a fitou um pouco surpreso. Era como se Joana tivesse simplesmente ignorado o que ele acabara de dizer. — Eu disse não. — A jovem continuava se aproximando e Mateus se afastava. — Ninguém nunca te disse que ‘não’ significa não?

— O que você vai fazer? — ele perguntou um pouco assustado, se apoiando no parapeito do mirante. Joana apenas ergueu seu braço segurando o objeto afiado que antes prendia seus cabelos, que

agora voavam de acordo com a vontade do vento. — Você não teria coragem de... — Mateus não pôde concluir sua frase, porque a mulher à sua frente deu uma risada quase histérica.

— Não? — ela questionou sarcasticamente. — Diga isso aos outros que vieram antes de você. — Ao ouvir isso, Mateus arregalou os olhos e procurou uma maneira de escapar da jovem; entretanto, Joana foi mais rápida que ele e, logo seu prendedor de cabelo atingia seu pescoço, seu peito, e qualquer outra parte de seu corpo que ela pudesse atingir com seus golpes.

Sem qualquer piedade, Joana puxou o objeto uma última vez e sorriu ao ver o jato de sangue que jorrava do pescoço de Mateus. O rapaz começava a cambalear e estava prestes a cair no chão para sangrar até a morte, mas a jovem o amparou e o ajudou a voltar para perto do parapeito. Mateus

PERIGOSAS NACIONAIS

tentava articular algum som, porém sua atitude apenas fazia com que o sangue jorrasse mais ainda.

— Shhh. Querido, é melhor não falar, ou vai acabar morrendo mais rápido — ela disse sorrindo e acariciando seu rosto. — E não queremos que você perca o melhor da diversão, não é? — Mateus já estava quase inconsciente devido à perda de sangue, mas ainda teve tempo de sentir o pânico percorrer seu corpo quando Joana o jogou por sobre o parapeito do mirante e ele caiu em direção às pedras que contornavam o mar naquela região.

Depois de ouvir o baque de seu corpo batendo contra as pedras, Joana respirou fundo e voltou a olhar as estrelas. Aquele lugar era realmente lindo. A jovem jogou o palito de metal no chão e seguiu em direção ao carro. Suas digitais estavam ali, mas ela não tinha culpa se o assaltante que os atacou arrancara o prendedor de seus cabelos e o usara

PERIGOSAS ACHERON

para matar o homem de sua vida. Tinha que ir à delegacia imediatamente para relatar o assassinato de seu namorado, que tivera que perder a vida para que ela pudesse fugir.

Joana se olhou pelo retrovisor e verificou se sua aparência estava fragilizada o suficiente para convencer às autoridades e percebeu que sim. Ligou o carro e começou a dirigir pensando nos acontecimentos de sua vida. Ela não seria como sua mãe que suportara os arroubos de um homem violento e que fazia o que bem queria com ela, desde torturá-la a violentá-la quando não estava disposta a ceder a seus anseios.

Este não seria seu destino. Nunca. Aquele fora apenas sua décima tentativa de encontrar sua alma gêmea, e, infelizmente, falhara como todas as outras. Mateus não era seu príncipe encantado, mas Joana tinha certeza de que acabaria encontrando-o

e, por isso, não iria desistir.

¹ “Algum dia meu príncipe virá/Algum dia vamos nos reencontrar/E iremos para o seu castelo/Para ser felizes para sempre, eu sei.” Tradução Livre.

Ah, Lygia...!
Chris Lisboa

Lygia costumava chegar no gabinete por volta das 6h da manhã. Ela não tem marido, filhos, pais vivos, nada. Como dizem, “não tinha nem um periquito a dar de comer”. Sendo assim, sua vida era o trabalho. Na verdade, sua vida era *humilhar os outros no trabalho*.

Naquele dia, quando ela chegou, eu já estava lá.

Lygia era a pessoa mais filha da puta que eu já conheci. Que muita gente conheceu. Ela é Filha da Puta Master. É dona de competência inegável, mas é justamente por não ter sentimentos de compaixão ou empatia que exerce há tantos anos a função de Chefe de Gabinete do Ministro. Porque mexer com gente é difícil. Sempre tem funcionário doente, que

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa de licença, que quer férias adiantadas, que precisa sair mais cedo, chegar mais tarde. Porque sempre tem quem não aprenda o serviço rápido, quem nunca aprenda. E porque há os excelentes, que precisam ser explorados ao máximo.

Lygia estava onde estava porque alguém tem que fazer o trabalho sujo – e ela sabia fazer como ninguém.

Comigo ela não precisava mexer. Nunca fui ninguém. Nem boa, nem ruim. Gorete, a boazinha. Que sorri o tempo todo. Que fala baixo. Que não retruca. Que se rebaixa. Nas vezes em que ela me humilhou, eu nem liguei muito.

Eu assistia ao show de humilhações da Lygia. Todo dia alguém saía chorando da sala dela. Ela berrava, xingava de imbecil, retardado, Zé ninguém e *otras cositas más*. Funcionária antiga da Casa, era capaz de destruir uma carreira impecável com um

PERIGOSAS ACHERON

telefonema. O índice de rotatividade no gabinete chegou a tal ponto que Lygia passou a proibir as transferências de funcionários para outro posto. Caiu lá, já era.

Como eu disse, quando era comigo, eu não ligava muito. Tinha minhas maneiras de relaxar.

Mas tinha a Bia. Eu sempre fui louca pela Bia. Paixão platônica: ela era hétero, casada e tinha filhos. Acho que nunca nem percebeu meu amor por ela. Éramos melhores amigas, pronto. Mas me bastavam os momentos que passávamos juntas, o cheirinho gostoso da Lulu, que eu imaginava *nossa*.

— Ah, Lygia...! Por que você foi mexer justo com a Bia?

O parto da última filha da Bia foi muito difícil, a bebezinha quase morreu, ficou na UTI por 3 meses. A Bia entrou em depressão e demorou quase um ano depois do nascimento da Lulu (minha

afilhada) para voltar ao trabalho.

A Lygia não admitiu isso. Para ela, depressão era preguiça, malandragem.

— Ela deve estar de combinação com a psiquiatra para ficar me fazendo de besta, enquanto está lá lambendo a cria.

Menos de um mês depois que retornou, a Bia foi dispensada. A Lygia fez a caveira dela dentro do Órgão e ela não encontrou nenhum bom lugar para trabalhar. Acabou tendo que aceitar a ideia antiga do marido de voltar para o Rio de Janeiro e pediu transferência.

Está entendendo?!? A Lygia tirou a Bia de mim! Arrancou meu coração, me destruiu. Colocou 1200 km de distância entre mim e meu amor!

ISSO eu não podia aceitar.

Por *ISSO* eu estava lá naquele dia esperando a Lygia chegar, com a minha maletinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ui! Gorete boazinha, que susto! Tão cedo aqui, querida?

— Queria conversar com você, Lygia. Tudo bem?

— Se não for mais problema para mim, Gorete. Já estou cheia de coisas para resolver — respondeu Lygia, já se sentando à sua mesa. — Nossa, que cheiro estranho aqui. Aposto que os pintores da janela não limparam o resto de tinta direito. Povo incompetente!

— É que eu machuquei a minha mão, veja...

Quando Lygia se aproximou para olhar, rapidamente segurei a cabeça dela contra o lenço embebido em clorofórmio que eu trazia no bolso.

Minutos depois, quando acordou, Lygia já estava com pés e mãos presos à cadeira com fita adesiva, a mesma que lhe tampava a boca para não gritar. E eu já havia trancado a porta e instalado as

PERIGOSAS ACHERON

câmeras.

— Mmmmmmm?!? — o ódio nos olhos de Lygia era hilário.

— Ah, Lygia... Quero conversar com calma hoje. Sem histeria. Sem gritos. Sem te ouvir falar mal de Deus e do mundo. Quero conversar sobre a vida, sobre livros, filmes... Falando nisso, olha lá! Sorria! Você está sendo filmada!

Lygia se debatia, o cabelo Chanel brilhante voando de um lado para o outro, tentando gritar.

— Olha, as portas estão trancadas e os seguranças só chegam às 8h. Não tem mais ninguém aqui e nós estamos no 18º andar. Pode pular a parte do grito? Temos menos de 2 horinhas de papo. E veja: temos companhia!

Nessa hora soltei no colo dela as 10 baratas enormes e cascudas que eu havia capturado num contêiner de lixo durante a noite. Lygia só tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

medo de uma coisa: barata. Peguei uma e coloquei no narizinho arrebitado de plástica dela. A expressão dos olhos passou de ódio para nojo e horror. Ela ia vomitar. E matar a Lygia engasgada de vômito não era minha intenção para aquela manhã.

— Ah, Lygia, que saco! Vomitar numa hora dessa? Que falta de educação! Vou ter que tirar a fita adesiva da sua boca. Se você gritar eu vou ter que te fazer ficar boazinha. Ponho uma barata na sua boca. Combinado?

O cabelinho Chanel balançou vigorosamente para frente e para trás. Parecia que estava combinado.

Mas assim que tirei a fita, ela começou a gritar. Não tive alternativa.

— Nossa, Lygia, sua língua está azul. Acho que exagerei no clorofórmio. Me deixa ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No desespero, ela parou de gritar e envesgou os olhos tentando olhar para a língua.

No momento em que ela esticou a língua, ZZZZUIP (esse foi o barulhinho que fez) — cortei fora aquela coisinha rosa pontudinha com meu bisturi.

A língua caiu sobre a mesa ainda se mexendo! Uau!

— Viu isso, Lygia? Parecia uma minhoca! Igual galinha quando a gente corta a cabeça e ela ainda anda! Ainda bem que está sendo filmado, ninguém acreditaria!

Lygia era puro MEDO. Dali para frente tudo podia acontecer. E aconteceu.

— Agora vamos parar com a enrolação e vamos conversar, ok? Mas primeiro eu vou pegar um copo d'água para você tirar esse gosto de sangue da boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu trouxe o copo e fiz a Lygia beber. Aproveitei e a fiz engolir a própria língua. Ora, por que não? Tanta gente deve ter tido essa vontade...! Ainda que não no sentido literal, hahahaha!

— Bom, eu disse que queria conversar sobre livros e filmes. Lygia, você já leu ou assistiu a Laranja Mecânica?

Lygia estava pálida e completamente prostrada, com os olhos voltados para baixo, prestes a desmaiar.

— Está proibida de desmaiar, entendeu? Vai se arrepender se o fizer! — gritei.

Ah, perdi mesmo a paciência. Lygia era essa cagona toda?

A medrosa pulou de susto e arregalou os olhos. Chorava.

— Te fiz uma pergunta: você já leu ou assistiu a Laranja Mecânica?

PERIGOSAS ACHERON

Ela assentiu.

— Que bom! Então sabe o que vamos fazer agora. Terapia da aversão. Sabe, depois que a Bia foi embora, eu passei a gravar discretamente as cenas de humilhação a que você sujeitava meus colegas e me pedia para testemunhar. Então vamos usar esse grampeadorzinho aqui...

PLEC, PLEC! Grampeei as pálpebras superiores dela aos supercílios.

— ... e eu vou passar os filmezinhos que eu fiz, para você assistir a você mesma em ação. A “bondosa” Lygia. Nunca mais fará isso com os coleguinhas, não é, Lygia? Puxa, temos lágrimas de sangue aqui?!? Nem eu pensei que o tratamento funcionaria tão rápido!

Claro que o sangue vinha dos olhos grampeados, hahaha.

Dei uma ajustada no ângulo das câmeras, para

que enquadrassem os vídeos. Achei que meus colegas iriam gostar de se ver naquele “filme”.

Coitada da Lygia. Sabe que tive até pena? Tinha virado um farrapo, uma massa sanguinolenta. Mas aí eu lembrava da Bia e minha raiva voltava.

Foi num momento desses de raiva que eu rapidamente furei os dois olhos da Lygia com uma agulha de tricô. Foi como furar duas uvas.

— Ah, Lygia, chega de ver filminho! Não tenho o dia todo!

Lygia gemeu de dor, susto, terror, MEDO. Eu até consigo me colocar no lugar dela, realmente não estava sendo agradável. Mas quem mandou mexer com a Bia? Logo com o meu amor?

Aliás, logo cedinho eu mandara um Whatsapp para a Bia, contando do meu amor e pedindo a ela que acompanhasse o vídeo que eu faria. Será que ela estava gostando? Nunca vou saber, mas espero

que sim.

Só sei que EU estava curtindo! Muito!

Olhei o relógio: já eram quase 7h30! Daqui a pouco a assistente da Lygia chegaria. Eu queria mesmo que ela a encontrasse assim, a aprendiz de bruxa malvada. Mas só quando tudo estivesse terminado.

— Lygia? Lygia!!! Não é para desmaiar! Puta que pariu, nem assim você respeita as pessoas!

Cortei fora 4 dedos da mão esquerda dela. Lygia era canhota.

Acordada pela dor, ela virou o rosto cego na minha direção, com uma expressão de súplica e pavor.

— Lygia, sabe qual vai ser seu maior castigo?

O cabelinho Chanel sinalizou que não.

— Eu não vou te matar. Você, neste estado,

PERIGOSAS NACIONAIS

não vai conseguir se matar. Obviamente que o Ministro vai colocar enfermeiros com você 24 horas por dia. Isso se ele não tiver o coração monstro que você tem. Desculpa, que você tinha. Porque agora você é boazinha, não é, Lygia? Feito eu? “Gorete boazinha, Lygia boazinha”?

Cabelinho Chanel disse sim, acompanhado de um murmúrio.

— Você quer que eu te mate, Lygia?

Sim, fez a cabecinha tão bem feitinha.

— Ah, Lygia, que pena...! Eu não sou assassina. Sou a Gorete boazinha. Também não vou te dar o gostinho de me perseguir, de me ver presa. Ver? Não, hahahaha, desculpa!

Ouvi barulho de chaves na porta. Olhei para a câmara mais próxima, disse a Bia que a amava e a meus colegas que apreciassem o filme. Coisa mais idiota, não é? No fim do filme eu peço para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apreciarem. *Nonsense*. De qualquer sorte, tenho certeza de que vários iriam realmente apreciar, apesar de negar até tê-lo assistido. Povinho hipócrita.

Agora todos iriam conhecer meus segredinhos. Gorete boazinha era lésbica e apaixonada pela Bia? Não, disso tenho orgulho, gritaria ao mundo se fosse correspondida.

Falo da Mamãe presa no quartinho, coberta de excrementos. Falo do meu gato Norman, sem as orelhas e paraplégico. Falo do morador de rua encontrado sem o nariz e de tantos outros pecadinhos.

Mas... e daí?

Pulei da janela.

Eles me encontraram moída. Mas meu rosto era sereno e trazia um grande sorriso de triunfo.

A Lygia? Vocês podem imaginar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A menina no espelho

Lelienne Ferreira

O cômodo estava escuro, mas um pouco dos móveis antigos e aparentemente caros eram visíveis no quarto abandonado. A cama, que parecia uma king size, tinha um dossel com bases de ferro forjado que se estendiam em suas quatro pontas, o ferro trabalhado com desenho de flores chegava a reluzir na noite, as cortinas em tom de branco pérola contrastavam com o edredom vermelho carmim, bordado de rosas brancas, estendido sobre a cama. Aos lados, dois criados-mudos de carvalho com entalhes também de flores nas laterais e nos puxadores das gavetas. O armário gigantesco na parede oposta seguia o mesmo padrão de design dos demais móveis.

Todavia, o que me surpreendia era o fato de a mobília estar tão bem conservada sendo que não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morava ninguém naquela casa, até onde corriam os boatos, já fazia anos. Não sentia cheiro de mofo, pó e nem umidade, mas também não tinha aquele cheiro de móveis antigos de casa de vó, aquele que geralmente vem acompanhado de aroma de bolo saindo de forno e café recém-moído. Na verdade, parecia que o cômodo era atipicamente ausente de fragrâncias.

Minhas pernas fraquejaram quando dei o primeiro passo pela porta da frente do quarto.

Este lugar... Tinha certeza que nunca viera aqui. Aquela casa não ficava no trajeto rotineiro que costumava caminhar de casa até a escola, até a biblioteca, a casa das minhas amigas ou dos meus tios, ninguém que eu conhecia morava deste lado da cidade, mas a sensação de nostalgia com aquele lugar, com aquele quarto especificamente, era quase palpável. *Era assustador.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A grande janela lateral, com venezianas de madeira, estava entreaberta. Assim, o quarto era iluminado pela lua, permitindo-me ver a mobília e, apesar da luz prateada, o ar dentro do quarto estava denso, havia uma atmosfera misteriosa e nada convidativa.

Dentre as mobílias luxuosas, uma em particular me chamou a atenção: um espelho.

Ele estava no canto mais escuro do quarto, onde os feixes do luar não alcançavam. O posicionamento era ligeiramente afastado dos demais móveis, como se não pudesse ser tocado. Apesar da falta de iluminação no canto, o espelho brilhava como se refletisse a luz do sol.

Ele era muito grande, com as laterais também em carvalho e os entalhes do acabamento rústico formavam desenhos de espirais, estava extremamente polido e brilhante, era tão majestoso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e belo que eu imaginei que até mesmo a mais feia pessoa que olhasse seu reflexo nele se tornaria bela.

Sem mesmo notar, dei um passo em sua direção.

Meu coração pulsou forte.

É uma armadilha! A parte mais profunda do meu cérebro gritava, todos os meus nervos avisavam, cada centímetro meu verberou em arrepio.

Eu sabia, mas não consegui parar.

Dei outro passo na direção do espelho, com a respiração longa e pesada. Quando cheguei perto a ponto de poder quase tocá-lo, a luz, que parecia não mais refletir e sim emanar de seu interior, estava tão forte que não consegui olhá-lo diretamente. Sem resistir, estendi uma mão indo ao seu encontro até sentir a superfície gélida sob a ponta dos meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dedos, o frio percorreu a minha espinha. Então, lentamente, sua luz foi amenizando chegando ao ponto que consegui ver meu reflexo.

Não pode ser...

A menina era muito parecida comigo, mas *não era eu...*

Suas feições eram semelhantes as minhas: rosto pequeno, redondo e muito pálido, com bochechas salientes de tom rosado, em destaque meio a lividez. Mesma altura, que não era lá muita coisa, mesmo formato de corpo e estrutura óssea, seus cabelos, que desciam em ondas suaves até quase o quadril esguio pareciam mais negros que os meus, talvez por estar escuro.

No entanto, o que me mortificou foram seus olhos. Eles eram os *meus olhos!* Nunca vi antes alguém com olhos exatamente da mesma cor que os meus.

PERIGOSAS ACHERON

Olhos violetas.

E também nunca imaginei ver "meus olhos" tão sombrios e perversos em feição tão delicada quanto a minha.

Ela sorriu, mas não foi nem um pouco amigável.

Queria fugir, mas não conseguia, estava paralisada de medo. Quando ela percebeu isso, seu sorriso aumentou. Tentei desviar o olhar, mas minha visão estava presa naqueles "meus olhos" mais frios que gelo.

Não sei se ficamos horas ou segundos nos encarando até eu consegui desviar a minha visão para baixo. *Não foi uma boa ideia.*

Suas roupas eram iguais às minhas, o mesmo uniforme escolar com aquele terninho marinho, eu achava ridículo algum colégio ainda obrigar os alunos a usarem uniforme, ainda mais um tão

antiquado, a saia plissada que quase chegava à altura dos joelhos e as meias 3/4. Entretanto, não foi isso que me deixou aterrorizada e sim o fato de ela estar segurando uma faca nas mãos, que agora parecia reluzir tanto quanto o espelho que brilhou momentos atrás, *como não tinha percebido ela antes?*

Sua lâmina, aparentemente bem afiada, tinha uma cor diferente no gume. Vermelho. Era sangue, só podia ser. Sangue seco, já coagulado, que mostrava um serviço bem feito de uma faca ávida por cortar novamente, pulsante. Olhei para seu rosto de novo, os frios olhos violeta tinham um brilho ferino de diversão, seu sorriso demoníaco aumentou ao ponto de se tornar um riso malévolo que ecoou pelo cômodo e pareceu entrar e rasgar a minha alma apavorada.

— Q... Quem...? — gaguejei, não sabia o que

PERIGOSAS NACIONAIS

falar, só queria gritar e fugir daquele lugar. Esquecer tudo aquilo e voltar para a minha casa, cálida e aconchegante. *Não devia ter entrado aqui. Não devia ter entrado aqui. Não...*

Ela parou de rir tão rápido quanto começou e olhou séria para mim.

— Você sabe a resposta... — Sua voz sibilava docemente pelo cômodo. Traíçoeira, como se quisesse enganar sua presa com promessas de que tudo ficaria bem enquanto, disfarçadamente, já injetava seu veneno. Era exatamente isso que ela parecia fazer, senti meu corpo formigar e fraquejar desconfortável.

Não conseguia contestar. Sentia como se uma pedra estivesse entalada na minha garganta, o suor começou a descer frio pelas minhas costas. Meu coração doía a cada batida, meus pulmões, exauridos, puxavam um ar que parecia inexistente.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava assustada demais.

— Você sabe a resposta... Lá no fundo, você sempre soube... — ela continuou a falar. Senti que ela queria se aproximar mais de mim, se não fosse o espelho nos separando, já estaria com suas mãos ao meu redor ou pior, com a faca em meu pescoço.

— Vamos... Eu quero ouvir dos seus lábios...

— Nã... — tentei negar, mas minha voz saía fraca como um gemido. Senti que consegui dar um passo para trás, mesmo que fossem milímetros, qualquer coisa que me afastasse dela seria útil.

— Quem...? Quem sou eu...? — Seu tom baixo e intimidador foi aumentando, cada vez mais furioso e nefasto.

— Quem sou eu?! QUEM SOU EU!!!

Seu rosto estava distorcido de uma raiva palpável, os gélidos olhos violetas pareciam cortar tanto quanto uma lâmina e seus lábios eram um

PERIGOSAS NACIONAIS

misto de sorriso assassino e risada ensandecida. Ela estendeu a faca em mãos e avançou na minha direção.

Foi então que o espelho se quebrou.

Eu me joguei de joelhos no chão, com os braços tentando proteger meu rosto e as mãos em punhos cerrados próximo aos ouvidos, não sei se gritei, nem mesmo se mantive os olhos fechados, estava tão aturdida que nem me incomodei com os cacos de vidro entrando em minha pele. Não conseguia me mover, a voz da menina ainda ecoava em minha mente. *Ela ainda não se foi.*

Eu levantei, olhei para a faca em minha mão e saí do quarto a passos rápidos.

Fora da velha casa estava chovendo agora, porém eu não me importava. Andei pela rua, deserta e silenciosa, não tinha mais para onde ir, nem pensava no que iria acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

Não sei se foi a chuva, mas achei ter ouvido sua risada atrás de mim. Será que ela me seguiu? Será que é minha imaginação? Ou ela estava da janela me observando? Eu não tive coragem de olhar para trás.

A Rainha do Submundo

Nancy Scarlett-Hayalla

Para Hades, o deus do Submundo, poder governar a Terra, precisa ter ao seu lado uma rainha tão perversa quanto ele.

E deveria ser alguém com um lado sombrio adormecido, pronto para ser desperto a qualquer momento. Alguém que teve a alma destruída, consumida pelo ódio e um grande desejo por vingança.

E ele a encontrou.

Lilian era uma menina que todo santo dia, era perseguida por um grupo de moleques da sua classe.

Ela sempre fazia de tudo para não se aborrecer. Fingia que os apelidos e as indiretas não eram para ela. Tentava ao máximo se concentrar nos estudos, mas não adiantava! E a pior parte é que sempre a

PERIGOSAS ACHERON

culpavam.

Todos já estavam cientes do problema de Lilian. Mas faziam vista grossa para o seu sofrimento. Em casa, também achavam que a culpa era dela. Não tinha a quem pedir ajuda. Não sabia mais o que fazer. Ficava totalmente arrasada com esta situação, que só piorava.

Chegaram a ameaçar a sua vida. Passou a fugir das aulas para não morrer. Mas um dia, eles a pegaram! E como prometeram das outras vezes, não tiveram o mínimo de piedade! E não se importaram com o fato dela ser apenas uma menina.

Ela foi cruelmente espancada, torturada e violentada.

Enquanto se divertiam com o seu sofrimento, ela chorava de dor tanto física quanto emocional. Nunca soube o motivo dessa implicância com ela.

Um deles tirou de dentro da mochila um revólver. Quando viu a arma apontada para a cabeça dela, se desesperou.

— Faça um favor para a humanidade, sua horrorosa! Acabe com a própria vida!

Ele mesmo colocou a arma na mão dela e fez com que ela apontasse para si. Mas na hora em que o disparo foi feito, ela conseguiu virar a arma para a direção de um deles. Deve ter atingido alguém, pois todos eles olharam para a mesma direção.

Enquanto eles socorriam o amigo baleado, não pensou duas vezes. Apontou a arma para o próprio peito e puxou o gatilho, pois sabia que se não fizesse isso, eles fariam.

Quando olharam para ela, somente a viram caída no chão e uma imensa poça de sangue se formando embaixo dela.

— Ela morreu? — perguntou um deles, agora

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente preocupado com a situação.

— Não era para isso acontecer! Era para ser só uma brincadeira!

Os três se apavoraram com o fato de ela estar morta.

— Calma, todos vocês! Vamos fazer de conta que nada aconteceu e não sabemos de nada!

— Como assim não aconteceu nada? Ela morreu! Esse aí levou um tiro!

— No caso dele a gente fala que foi um assalto.

— E ela? O que a gente faz?

— Nada! Ela não vai contar nada mesmo.

Os três foram embora e a deixaram à própria sorte. Ela viu toda a sua vida passar por diante de seus olhos.

Era mesmo melhor morrer, assim não tinha

PERIGOSAS ACHERON

mais que dar satisfação para ninguém sobre como havia sido o dia na escola. Não teria mais que encarar aquele bando de marginais no colégio. Não seria mais maltratada, ofendida e nem humilhada!

Mas também não era justo. Entretanto, o que se poderia fazer? Nada! Como sempre, ficaria por isso mesmo!

Se ninguém nunca fez nada enquanto estava viva, não seria então, depois de morta, que alguém iria fazer. Então decidiu ficar ali e esperar a morte. Era melhor morrer do que sobreviver aquilo e ter mais um motivo para ser humilhada. Mas antes de fechar os olhos de vez, viu alguém se aproximar.

Entretanto, agora nada mais importava. Era o seu fim.

Lilian acordou em um quarto digno de uma rainha. Até onde se lembrava, ela atirara em si própria, pois havia sido atacada pelos vândalos da

sua classe.

— Onde estou?

— Está em meu mundo! Melhor dizendo, em nosso mundo! — Quando olhou para trás, viu um belíssimo homem, era Hades, o deus dos mortos.

Ela morreu e estava no inferno. Estava lá porque havia retirado a própria vida e segundo as leis de Deus, era pecado. E ela sabia disso.

Lilian chorou. Não por estar no inferno, mas por estar morta por culpa daqueles cretinos. Não achou justo o que aconteceu com ela. Enquanto seu corpo estava apodrecendo debaixo da terra e sua alma no submundo, eles curtiam a vida numa boa.

— Também acho injusto o que aconteceu com você. Por isso, quero lhe propor um acordo. Quero você como a minha rainha! Vamos juntos dominar a terra e fazer dela um novo reino dos mortos. E você poderá se vingar de seus agressores!

PERIGOSAS NACIONAIS

— A proposta é tentadora, mas... Não é certo pagar o mal com o mal.

— E você acha certo pagar pelo erro deles?

Mais uma vez ela chorou. Mesmo não concordando, ele estava certo. No lugar da tristeza veio o ódio. E então ela aceitou.

— Mas como uma tosca feito eu poderia ser rainha?

— Você não é tosca! Ao contrário é linda! Mas se isto a incomoda, podemos dar um jeito nisso.

Então ele chegou mais perto dela, levou uma das mãos o mais próximo do queixo e assoprou em sua direção. De repente, uma fumaça cinzenta surgiu em volta dela. Quando a fumaça sumiu, Lilian sentiu que estava diferente. Quando se virou para se olhar no espelho, quase desmaiou. Viu uma versão mais adulta de si mesma.

— Oh! O que você fez?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Envelheci você! Seria você quando crescesse!

Então Lilian cresceu, abandonando qualquer rastro daquela menina tímida e maltratada pela vida. Foi a transição da menina para a mulher. A transformação pela qual acabara de passar, a fez mudar de nome e também de personalidade, passando a se chamar Perséfone, a Rainha do Submundo.

Na verdade, ela sempre tivera este lado sombrio, mas sempre o mantivera adormecido. Com a sua morte causada por seus agressores, ele foi despertado.

— Agora sim, os farei sofrer!

— Sim, minha querida, terá a sua vingança, mas antes... — Ele a puxou para si para abraçá-la. Nem mesmo o deus do Inferno resistira aquela nova Divindade das Trevas. Ela trajava uma veste

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de deusa, que acentuava as suas novas curvas. Ele fez questão de tirá-la para poder deslumbrar aquele novo corpo.

— Aprendeu rápido! — disse se surpreendendo com a nova atitude de Lilian. Ela estava mais confiante, sedutora e atrevida.

Com apenas um estalar de dedos, Hades se viu totalmente despido. Aquele poder de sedução já estava começando a assustá-lo. Mas para mostrar que ainda estava no comando, a pegou com tudo no colo, a acomodou em sua cama e a possuiu ferozmente.

Assim que acabaram de se amar, colocaram seu plano em prática.

A vingança é um prato que se come frio... Então, Perséfone não atacou todos de imediato. Queria torturá-los como fizeram com ela, um por um. Um deles sempre assediara Lilian durante as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aulas e no intervalo. Na hora da saída, a esperava sair da sala para passar a mão na sua bunda. E sempre dizia:

— Garota, estou lhe fazendo um favor! Quem vai querer uma feiosa como você?

Agora era sua vez de devolver o favor.

Começou a assediá-lo, o fazendo ouvir a sua voz. Ela sussurrava as mesmas palavras obscenas e nojentas que ele lhe dizia. Ele achava que estava louco por ouvir vozes. E piorou quando começou a ver o fantasma de Lilian.

Tentou pedir ajuda, mas não sabia como explicar que o fantasma que o perseguia era o da garota que ele e seus amigos viviam atormentando. A polícia ainda investigava a sua morte e poderia descobrir que ele foi um dos responsáveis. Resistia até onde podia, mas sempre tinha pesadelos com ela. Acordava já dando de cara com sua imagem.

PERIGOSAS ACHERON

Não conseguia comer e nem dormir. Piorou quando o seu fantasma fazia questão de agarrar suas partes íntimas como ele havia feito com ela.

Não aguentando mais, pegou uma furadeira para perfurar o próprio crânio, para assim não precisar mais vê-la ou ouvi-la. E no último minuto, pediu perdão a Lilian. Foi ele que a estrangulou.

— Perdão, Lilian... Eu sinto muito... Foram eles que me obrigaram, não queria fazer aquilo... Era só brincadeira...

— Pois pegue seu perdão e enfie no rabo, seu imbecil! Por culpa sua, eu morri! Agora viva com isso! Melhor ainda, morra! Me faça um favor, acabe logo com a sua vida!

E foi o que ele fez.

O segundo foi pior. Foi quem levou o tiro disparado por ela. Mentiu ao dizer que foi atingido por uma bala perdida, pois assim não levantaria

PERIGOSAS NACIONAIS

suspeitas. E a mesma coisa aconteceu com ele, sempre via o fantasma de Lilian e escutava a sua voz. Bem que ele tentou enfrentá-la, mas foi em vão.

— Você não me assusta, sua escrota! Volta para o inferno que lá é seu lugar! Vai ver, assustou até o Diabo com essa sua feiura!

A cicatriz em seu abdômen começou a latejar. Foi verificar para ver o que era e praticamente surtou quando viu que o ferimento abriu e, de lá de dentro, suas vísceras haviam ganhado vida e começaram a devorá-lo, tanto por dentro quanto por fora.

Era apenas uma alucinação causada por Perséfone. Não tinha nada ali. Ele urrou, se debateu e se arranhou todo até que uma hora também não aguentou mais. Foi cambaleando até a cozinha atrás de uma faca... e não encontrou nenhuma, pois com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a ilusão, qualquer objeto cortante desaparecera de sua vista.

— Você nunca me deixava em paz... Por que eu deveria deixar você morrer em paz? Seu escroto!

A voz de Lilian ecoava por todos os cômodos da casa. Sua imagem no dia em que morreu também. Ele continuou sendo atormentado quando saiu correndo para o meio da rua... E não viu quando bem na hora passou um carro, acertando-o em cheio!

Perséfone fez questão de deixar o *gran finale* para o líder do bando. E como ele já soube de seus companheiros, tinha certeza de que seria o próximo.

Para piorar, antes de morrerem, os dois deixaram gravados no áudio de seus celulares, a confissão da morte de Lilian, além disso, disseram que a ideia de torturá-la e a arma usada na hora do

PERIGOSAS ACHERON

crime eram dele.

Ele tentou fugir, mas a polícia foi mais rápida. Mesmo menor de idade, foi preso e levado a julgamento. Quando interrogado, tentou se fazer de vítima, culpar Lilian e seus amigos. Em vão. Foi declarado culpado e preso, mas não durou muito tempo na prisão, pois lá sempre vira o rosto de Lilian no lugar dos demais presos. Foi transferido para um manicômio, onde passou o resto da sua vida se torturando pela própria culpa.

Mais uma obra de Perséfone!

Assim que se vingou, ela voltou para o Inferno para governar ao lado de Hades.

— Você me surpreendeu! Nem por um segundo teve pena deles?

Ela só o beijou e balançou a cabeça para os lados, negando.

— Vamos embora. Ainda temos um mundo a

PERIGOSAS NACIONAIS

dominar!

E lá se foi a Rainha do Submundo. E que Deus tenha misericórdia de quem a desafiar.

PERIGOSAS ACHERON

A Colecionadora

Deborah Petrova

Adriano estava morto. Carbonizado entre os escombros da casa junto aos pequenos focos de incêndio espalhados pelos cômodos.

As mangueiras estavam sendo recolhidas perto dos carros vermelhos na calçada próxima às viaturas da polícia que chegaram tardiamente. No meio fio, inexpressiva pela tragédia, Cinthia chorava silenciosamente.

A fuligem caía de forma singela sobre os curiosos amontoados no cerco policial, munidos de seus celulares em punho, prontos para gravar mais um espetáculo.

“A noite seria longa”, pensou ela sobre os últimos acontecimentos, fitava o céu completamente nu, e uma lua tão redonda e prata como uma joia recém polida. Lembrou-se da PERIGOSAS ACHERON

aliança em seu dedo e uma súbita melancolia preencheu seu peito. Estava na hora de partir.

— Senhora — chamou o policial militar barrigudo, com a farda tão arroxada que fazia os botões ficarem tortos, prestes a saltarem nos olhos de alguém — o que aconteceu?

Ela quis contar, mas será que eles acreditariam?

Ajeitou a pequena caixa *vintage* debaixo do braço. Empertigou-se, jogando a cabeça para trás, queria olhar o PM nos olhos, e dizer como fizera desde o início, desde o primeiro. Mas não podia, como sua mãe dissera quando tinha tinha apenas cinco anos, ela era a vítima.

— Eu não me lembro. — Secou com o dorso da mão a lágrima que escorria sobre a maçã de seu rosto. — Aconteceu tudo muito rápido. Quando dei por mim... — Inspirou como se a coragem para

continuar estivesse naquele ato. — A casa estava em chamas.

— Preciso que me acompanhe, vamos levá-la à Delegacia, sei que o momento é ruim... — Ele a pegou suavemente pelo cotovelo, e a guiou até a viatura que já estava com a porta aberta. — Apenas formalidade.

Claro que era, assim como todos os casamentos anteriores de Cinthia, meras formalidades que resultaram em mortes.

— Eu não tive culpa — disse ela ao investigador à paisana sentado diante dela já na delegacia.

Adriano não acordaria nem que uma banda tocasse ao seu lado. Após o jantar, sentiu-se tonto com apenas uma taça de vinho tinto que a esposa servira junto ao salmão grelhado. Seu prato predileto. Ela alegara que estava feliz com o

PERIGOSAS NACIONAIS

casamento e decidira agradar o marido, mesmo após a briga que tiveram pela manhã. O motivo: ciúmes.

Não havia traços, nem indícios que ele a traía, mas assim como a voz em sua cabeça insistia, Adriano parecia criar maneiras furtivas de esconder o conteúdo de seu celular. Como uma guinada no corpo para desviar a tela dos olhares da esposa. A troca de senhas constantes, a exclusão de mensagens anteriores, tudo, segundo ela, para não deixar provas.

Brigaram como um casal de adolescentes em início de namoro, mas logo se reconciliaram e o jantar colocaria um fim nas brigas que já nem seriam mais mencionadas na residência dos Paladino.

Cinthia fora bem discreta como todas as vezes anteriores, usara o mesmo sonífero para dopar o

PERIGOSAS ACHERON

marido, o jogara no chão da cozinha após ter a certeza que ele não teria como escapar.

“Você é a vítima” dizia a voz um em sua cabeça “ele está te traindo assim como os outros”.

De todos, Adriano foi o que mais amou, se é que toda aquela obsessão poderia ser considerada como um sentimento. Ela o queria por perto o tempo inteiro, nada de amigos, nada de família, ninguém além deles. Um labirinto que apenas ela conhecia, onde ditava as regras e era possível manipulá-lo.

Apesar de seu coração dizer o contrário, sua cabeça a guiou por lugares tão escuros quanto sua alma poderia divagar.

Mais uma morte.

Mais um acidente.

Mais um marido.

— Eu vou precisar reconhecer o corpo? —

Cinthia sabia exatamente como funcionava o procedimento. Passou as mãos no rosto manchado pela fuligem, exibindo um cansaço exagerado.

— Não, senhora — disse o investigador magrelo com bolsas arroxeadas debaixo dos olhos — não sobrou muita coisa. Sinto muito.

Ela conteve o sorriso de satisfação, torceu os lábios numa careta tentando mostrar a dor de uma mulher que havia acabado de perder o marido. Puxou a caixa que ainda carregara consigo para mais perto. Estava segura, ela sabia, mesmo assim prendeu a respiração enquanto não sentiu o objeto tocar a pele através da camiseta de cetim amarelo claro.

— Preciso usar o banheiro — pediu gentilmente, enquanto o homem à sua frente digitava sem tirar os olhos do monitor.

— Claro! Siga em frente, é a primeira porta à

esquerda.

Ela se encaminhou devagar, seu andar era quase um cortejo fúnebre, se arrastando por onde passava, dando a impressão que sua pouca estatura a deixava vulnerável. Abaixou a cabeça quando passou ao lado do PM que atendera a ocorrência. Ele não reparara o quanto a mulher parecia radiante com a morte do marido, como seus olhos cor de amêndoa cintilavam com a luz mortiça do lugar.

Ao fechar a porta e se trancar no lavabo, abriu a caixa depositando-a no batente da pia, mesmo estando molhada, ela não hesitou. Tocou cuidadosamente cada aliança envolto do tecido grosso, revelando todas as doze vítimas que ela colecionava através de casamentos memoráveis. Fitou seu reflexo no espelho, o rosto redondo, os cabelos levemente bagunçados, tão negros quanto a noite. Inspirou enchendo o peito de coragem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando voltou, reparou no investigador sentado diante dela, separados apenas por uma mesa velha e encardida. Alguns papeis jogados próximo ao teclado, uma caneta marca texto neon em tom amarelo e nenhum anel presente nos dedos compridos que saltavam rapidamente de uma tecla para a outra.

Sentiu seu rosto queimar, talvez estivesse diante de sua alma-gêmea. Inclinou-se para frente tentando ler o nome na identificação pendurada no pescoço esguio sem sucesso. Esfregou as mãos no jeans chamuscado, sentindo o suor grudar alguns fios de cabelo revoltos em sua nuca. Algo em seu estomago se revirou, pensou em borboletas presas em um saco lutando para escapar e, no instante seguinte, ela nem se lembrava realmente quem era Adriano.

— A senhora tem para onde ir?

PERIGOSAS ACHERON

Despertando-a para a realidade, Cinthia fora trazida de volta ao mundo real.

Livre de suspeitas?

— Não. — Olhou para as mãos entrelaçadas em cima das pernas. — Não tenho ninguém. — Colocou uma mecha timidamente atrás da orelha e, com o tom baixo, continuou o repertório que sabia de olhos fechados, o da viúva inconformada. — Meu Deus, o que será de mim?

— Não se preocupe, tudo será resolvido, agora eu preciso que a senhora responda as perguntas.

— Claro — disse ela se lamentando em um sussurro — o que você quiser saber. — Deu um meio sorriso entre as lágrimas.

— Preciso saber o que aconteceu.

Coloquei fogo naquele bastardo maldito.

— Não sei ao certo — Cinthia parecia perdida, com o olhar vago, fitava a parede.

— O que você fez antes de dormir? — Já passava das duas da manhã e o Investigador Danilo Almeida suspeitava que tudo havia acontecido após o jantar, quando o casal preparava-se para dormir.

Conferi as portas e janelas, para que o desgraçado não fugisse, ele merecia queimar até morrer.

— Lavei a louça enquanto meu marido tomava banho.

Banho de querosene. Caído perto do fogão, enquanto eu deixava uma das bocas abertas, na esperança que o gás o matasse primeiro.

Os olhos de Danilo corriam pela tela diante dele, conferiam palavra por palavra. Por dentro sentia uma enorme empatia pela viúva com feições de uma adolescente perdida em um dia de chuva. Os cabelos desgrehados, o jeans colado e sujo, a blusa amassada e tingida em tons escuros, assim

PERIGOSAS NACIONAIS

como a pele clara de seu rosto.

— Quanto tempo depois percebeu que a casa estava pegando fogo?

Deixa eu pensar, quando joguei um pedaço de jornal em chamas em cima do corpo inconsciente do meu marido?

— Acordei um tempo depois de ter ido para a cama, estava cansada, nem cheguei a trocar de roupa... — Ela fez uma pausa pensativa, como se tentasse lembrar de algo que nunca aconteceu. — Eu acordei tossindo, acho que a fumaça estava entrando por debaixo da porta e, quando eu olhei para o lado, a cama estava vazia. — Cinthia voltou a chorar. — Adriano não estava lá. Meu Deus, eu deveria ter visto. Eu deveria ter visto.

— Se acalme, logo vamos liberá-la. — Danilo estendeu a mão para tocá-la, mas recuou antes que fosse tarde demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo querendo ir embora, ela sabia que precisava terminar. Diria que os documentos queimaram com a casa, que não restara nem mesmo a certidão de casamento.

Pensou em Adriano inconsciente no chão da cozinha, de como ela conversara com ele enquanto lavava a louça e, diferente das vezes anteriores, não planejara nada, mas sabia forjar um acidente como ninguém. Guardou os pratos, secou os talheres, forrou o tampo da mesa com uma toalha que ganhara de presente de casamento. Pegou o galão com o líquido inflamável e jogou sobre o marido, depois de abrir uma das bocas do fogão, deixando que o gás se espalhasse pela casa. Lamentou-se por apenas um instante e então continuou, colocou fogo em um pedaço de jornal e jogou sobre o corpo inconsciente. Esperou do lado de fora até que as chamas tivessem consumido tudo, até o último pedaço de carne de Adriano.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto assistia as labaredas escapulirem pelas janelas da frente, a porta estourava numa grande explosão chamando atenção dos vizinhos. Calmamente, ela esperou que os bombeiros aparecerem, seguidos da polícia para encenar o que fazia pela decima terceira vez, colecionar maridos e guardar o melhor que os casamentos lhes proporcionava. Começou a chorar quando a fuligem caiu, aproveitou para esfregá-la no rosto, nas roupas e no cabelo.

Na delegacia, ela recebeu uma cópia da ocorrência após ser liberada, mas antes que pudesse sair, recebeu uma ajuda inesperada, um cartão de visitas com o número pessoal do investigador que fora tão solícito e. no verso, um pequeno bilhete em letra de forma: “me ligue se precisar de qualquer coisa”

“As borboletas existem”, pensou ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Doces Mulheres

Nathalie D.A

Eu não pretendia matá-la, mas o veneno já estava em minha bolsa faz alguns dias, apenas esperando a vítima perfeita. Conhecemo-nos em um bar essa noite, não sei nada a seu respeito, mas no instante em que nossos olhares se cruzaram, eu soube que era ela. Em um minuto estávamos no bar e no outro nesse motel, acho que ela se apaixonou pelo meu sotaque espanhol ou minha farda policial. Após o dia exaustivo que tive na delegacia hoje, achei que merecia me divertir um pouco.

Após o sexo, essa vontade assassina me invadiu, minhas mãos coçam ao me imaginar estrangulando-a. Sinto um arrepio ansioso percorrer meu corpo apenas por imaginar esfaquear a linda jovem deitada em minha frente, mas sua morte será mais alcoólica e com menos sangue.

PERIGOSAS ACHERON

Ao tomar a taça de vinho oferecida por mim, a moça respira pela última vez, ao mesmo tempo em que nasce uma assassina.

— *Yo seguiré siendo la dulce Lana.* — digo enquanto a vejo morrer.

Acordo com o sol iluminando meus braços cobertos de cortes e sangue seco. Não me recordo de quando fiz isso, mas pela forma do corte parece ser recente, nessa madrugada talvez. Preciso parar de beber, isso está acabando com a minha memória. Ouço uma batida na porta, mas meu corpo inteiro dói ao tentar me levantar. O que eu fiz ontem?

A caminho da porta percebo cortes em minhas pernas também. Será que eu caí?

Mais batidas desesperadas na porta.

— Que bom saber que você está viva! — diz

PERIGOSAS NACIONAIS

Iracema em desespero, assim que eu abro a porta.

— O que foi?

— Como assim o que foi, Vivian? Precisávamos de você na delegacia ontem e onde você estava?

— Bebendo e depois provavelmente vim para casa me cortar.

— Você fez isso de novo?

— Sei lá, não lembro desses momentos, você sabe, não sempre.

— Você precisa ir ao médico, todos na delegacia estão preocupados com você, sabe que posso te afastar por um tempo.

— Vocês não precisam se preocupar comigo.

— Vivi, olha seu estado, toda cortada e sem memória de tanto que se afundou na bebida.

— Devo estar com ansiedade, só isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquele dia... — Iracema começa a dizer com lágrimas nos olhos.

Estremeço quando minha amiga diz isso, ao mesmo tempo em que sinto um vazio na mente. Junto com lágrimas, flashes de um lugar pequeno e com pouca iluminação, vieram. Uma dor sufocante percorre meu corpo, não sei identificar onde ela começa e onde termina.

— Sério, vá ao médico. Você já ajudou todos naquela delegacia, foi um anjo na vida de cada um de nós, queremos te ajudar também.

— Vá logo ao assunto, você não veio aqui só para saber do meu estado psicológico.

— Tem razão, também vim te contar dos últimos trabalhos que você perdeu.

— Quais as novidades?

— Dois assassinatos em bairros de zonas completamente opostas da cidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ilustríssima delegada, quero mais detalhes.

— Começou com uma prostituta envenenada em um motel e terminou com uma advogada morta com o salto de um sapato.

— São duas mortes completamente diferentes.

— Vítimas bem diferentes também. A vítima do salto tinha cabelos cacheados e a vítima envenenada era loira de cabelos curtos.

— Não podemos nem pensar em alguém obcecado por certo tipo de pessoa.

— Não. Estou sentindo que se trata de mais de um assassino.

— Nenhum suspeito?

— Uma mulher que foi vista entrando com a vítima no motel e a advogada foi morta na própria casa, estamos falando com os vizinhos ainda.

— DNA? — pergunto como se fosse óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

— Já encaminhamos para o laboratório o material das cenas dos crimes. Agora preciso ir, estou atrasada, passei para ver se você estava viva, se cuide! — termina Iracema enquanto caminha até a porta.

Em meu primeiro dia nessa casa, ela veio me dar as boas vindas e trazer um bolo de brigadeiro. Lembro-me que tivemos uma conversa sobre o motivo da minha mudança. Enquanto eu explicava que do dia para noite passei a ter medo de elevadores e não conseguia sequer entrar em meu apartamento, senti o familiar arrepio ansioso percorrer meu corpo. Aquele, igual tive com a moça do motel, dessa forma eu soube, a minha segunda vítima seria minha vizinha.

Ela me fazia mais e mais perguntas sobre meu medo e o arrepio ansioso se intensificava a cada

PERIGOSAS NACIONAIS

nova pergunta, minha única certeza é de que ela morreria, mas não podia ser logo em nosso primeiro contato.

Enquanto como um bolo de brigadeiro no café próximo a delegacia, memórias fragmentadas do dia de sua morte me invadem. Recordo-me de estar na casa dela conversando sobre assuntos em comum entre uma policial e uma advogada, algo como vítimas de violência doméstica.

Sua casa estava uma bagunça e isso facilitou meu lado. Enquanto ela foi rapidamente ao banheiro, o arrepio de uma assassina apossou-se do meu corpo. Não muito distante de onde eu estava sentada, tinha um sapato de salto alto e fino, preto, de veludo e com tachinhas. Bom gosto para a morte, doutora.

Assim que ela saiu do banheiro, ataquei-a pelas costas, cravando o salto em seu pescoço. Fiquei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

observando o esguichar de sangue por todo o ambiente. Confesso que por algum motivo inconsciente gostaria de ter me banhado naquele sangue.

Não se enganem, o doce rosto de uma mulher jamais vai transparecer sua força, sua maldade e os mistérios de sua mente.

Às vezes acho que estou louca mesmo. Automutilação, perda de memória por um vício em bebidas, mas por que esse vício? É uma sensação de estar sendo perseguida ou observada. Antes de saber das mortes eu já vinha sentindo isso, mas depois que a Iracema esteve aqui e me contou dessas mulheres mortas essa sensação se intensificou. Talvez eu precise de ajuda médica mesmo, mas tenho medo, se isso for dito em voz alta vai se tornar real.

PERIGOSAS ACHERON

Ora, ora, vejam quem voltou, a senhorita perfeição da Vivian. Para mim ela é a senhorita problemática, vive faltando ao emprego por problemas psicológicos e não vai ao médico nunca. Ultimamente, quer dizer, quando ela vem trabalhar, anda toda insinuante para cima do Renan, o policial mais lindo dessa delegacia, para isso ela não parece estar doente.

Imagino que seja fácil a vida de uma policial melhor amiga da delegada. Pode alegar estar doente e toda a delegacia vai sentir muito por ela, braço direito da chefona. Talvez além de sua beleza, sua simpatia conquiste todos, ela quase conseguiu ser minha amiga, mas sei o que há atrás de um meigo sorriso. Ela é uma covarde, tem vontade de fazer tudo o que eu fiz, mas não tem coragem de limpar os rastros vermelhos com cheiro de ferro. Eu

conheço bem mulheres doces.

Não posso permitir que Vivian se sinta no direito de desaparecer do nada do trabalho e em seu retorno pegar o melhor caso dessa cidade no momento. Eu estou à frente nessa investigação e ela só pensa que vai roubar meu lugar.

Posso me ver como se estivesse assistindo a um filme e eu fosse a personagem principal entrando em casa, analisando cada cômodo e percebendo que janelas deixadas fechadas ao sair estão abertas, há mudança de posição em três almofadas no sofá e a televisão está ligada. De repente não me sinto parte de meu corpo e o desespero me embaralha os olhos e me dá falta de ar.

Tudo gira ao meu redor e em questão de segundos, começo a recuperar a visão, o ar e a

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação de ser eu mesma. Nenhum psiquiatra vai acreditar em mim, preciso manter minha loucura em segredo.

Minha paranoia de estar sendo perseguida está se concretizando, alguém quer me matar também. A ideia de estar no alvo do serial killer da cidade me faz ter palpitações. Ele entrou em minha casa enquanto eu não estava aqui. É claro que o novo alvo dele só pode ser eu.

Acordo com a campainha tocando. Olho para a janela em cima do sofá em que acabei adormecendo e vejo que está chovendo. Quem desligou a televisão? Que cacos de vidros são esses em cima da mesinha?

Ao atender vejo que é Iracema, ela está ensopada. O que ela está fazendo em minha casa? Não temos toda essa intimidade, aliás, como ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe meu endereço?

— Vou direto ao assunto, Vivian. Você foi vista naquele motel aquela noite, temos testemunhas. Os vizinhos da advogada reconheceram você, por que nunca me contou que tem duas casas? E por fim, seu DNA está nas cenas dos crimes. O que você fez?

Seu olhar transparece ansiedade, desespero e suas dúvidas. Não sei se está tremendo de frio ou de nervoso. Ao mesmo tempo em que um trovão invade nossos ouvidos, um relâmpago ilumina toda a sala e as primeiras lágrimas caem de seu rosto. Dou uma gargalhada seguida de um sorriso malicioso e por fim digo:

— Primeiro, trabalhei muito para conseguir destruir a vida da Vivian. Segundo, me chame de Lana. — E o terceiro item eu não vou dizer, mas ela vai sentir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vivian, o que está acontecendo com você?
— grita Iracema pela última vez na vida.

Em seguida, cravo no pescoço da delegada um caco de vidro já manchado de sangue, provavelmente um que a Vivian usou para se cortar algum dia desses.

Sempre ouvi falar que a memória consolida nosso conhecimento, nos faz saber quem somos, quem são as pessoas que amamos e o que vivemos de bom ao lado delas.

Porém, como tudo na vida, a memória tem seu outro lado. Aquele que ninguém deseja, nos fazendo lembrar dos momentos ruins e das péssimas pessoas que cruzaram nosso caminho. Algumas mentes como a minha criam outras personalidades como mecanismo de defesa para essas memórias.

Meus colegas de trabalho sabem o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu comigo naquela operação policial, mas não estou pronta para ser lembrada, prefiro continuar com flashes e acredito que a Lana prefira continuar sem saber por que tem medo de elevador.

Jamais imaginei que seria comunicada de que matei duas desconhecidas e minha melhor amiga. É desesperador buscar lembranças disso em minha mente e não obter nada, nenhuma mísera memória do meu corpo fazendo isso com aquelas pessoas inocentes.

Um sorriso meigo, uma simpatia que conquista todos ao redor, uma excelente policial e uma doce amiga de seus colegas de trabalho pode esconder sua obscuridade em uma terrível e rara doença. A moeda, por mais brilhante que seja, sempre tem dois lados. Pergunto-me quem sou ou quem me tornei, continuarei sendo a doce Vivian?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Olhos, Janela da Alma

Carol Cristhiê

Celine

Mordia meu lábio inferior incansavelmente. Não sentia dor. O que realmente sentia era um misto de prazer e vontade de repetição contínua. Conseguia sentir o gosto amargo de sangue e isto sequer me incomodava. Eu encarava aquele relógio antigo de parede. Ele fazia um barulho irritante e seguia de um lado, para o outro e de um lado, para o outro, tão repetitivamente quanto eu, que rasgava meus lábios com minha própria boca. Meus olhos vagueavam em sincronia com aqueles movimentos. Percebia o tempo passar e, no meu interior, eu me amaldiçoava por perder meu precioso tempo com algo tão detalhista. Maldito perfeccionismo. Eu não queria aquele relógio. Não queria que ele estivesse

ali, fazendo aquele som insuportável e que chamava tanto a minha atenção, então... Eu fiz algo. Eu o tomei nas mãos. Sentia-me tomada pelo ódio. O arremessei contra a própria parede em que ele estava. Ele se despedaçou e até mesmo algumas partes vieram de encontro ao meu rosto. Àquela altura da minha triste vida, meu rosto já não importava mais e minha vaidade tinha se esvaído junto às minhas novas percepções.

A noite começava a se revelar, como mentiras que ora foram confessas, ora permaneceram escondidas, como uma pérola em sua concha. Um de meus maiores medos era a noite e minhas razões não eram sobre as sombras, a menos que meu avô adotivo se escondesse nelas. Já estava quieta em minha cama, coberta pelos lençóis, tola. Como podia pensar que aquilo iria o deter? Não há proteções no interior dos altos muros da minha própria casa. Estava impaciente. Aguardava o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento em que ele entraria por aquela porta, como se o quarto fosse dele, junto àquele sorriso maligno. Sentia algo na garganta, era o asco. Sentia meu coração em chamas, era o ódio. Seria capaz de qualquer coisa para pará-los.

— Olá, querida — meu opressor me abordou.

Permiti que algumas lágrimas escapassem. O show de horror não demorou mais que alguns segundos para se iniciar.

*

As luzes se acenderam e finalmente toda a atenção foi voltada para mim. A grande farsa se iniciou. Eu me tornei no palco o que minha mãe e meu padrasto gostariam que eu fosse. Eles exigiam uma excelente atriz. Eu realmente era uma boa atriz. Fingia. Sabia muito bem esconder nossos “segredos”. As luzes se apagaram, a apresentação da peça se encerrou e eu retorno à minha realidade

PERIGOSAS ACHERON

quando as cortinas se fecharam bem à minha frente.

— Ótimo. Você foi quase perfeita. — Miranda, minha professora de teatro, se aproximou.

— Como “quase”? Eu tenho de ser perfeita — falei quase em sussurro. Estava em choque. A respiração começava a falhar.

Os outros atores se espalhavam, provavelmente a procura de seus familiares.

— O seu olhar. — Ela franziu a testa, como se estivesse refazendo alguma lembrança em sua mente. — Nunca o vira antes. Você não era uma boa moça naquele palco. Era uma vilã.

Fiquei petrificada. Como pude ser capaz de me expor tanto? Eu deveria parecer a própria luz naquele palco e não trevas. Minha cabeça latejou. Lembrei-me de peças antigas que apresentei, eu sempre era escolhida como a principal, os outros achavam injusto. Lembrei do meu avô sorrindo

meio à multidão daquele teatro. Lembrei de minha mãe me sacudir como um saco de papel. Sua frase repetia em minha cabeça: “seja a melhor em tudo o que fizer”. Eu até era boa naquilo que fazia, mas a perfeição viria dos montes de dinheiro que meus pais ofereciam à minha professora de atuação.

Imersa em meus pensamentos, não percebo quando a professora Miranda se afasta de mim.

— Você foi incrível — Um garoto que aparentava ter a mesma idade que a minha, dezoito recém-feitos, surgiu atrás de mim.

— O quê? — Eu me viro rapidamente, embalada pelo susto.

— Pare com isto. — Ele segurou meu queixo e encarou meus lábios sangrentos, como se me conhecesse além daqueles poucos segundos. — Eu ouvi tudo. Posso acabar com a nossa professora. — E então ele retirou um canivete prateado do bolso

de sua surrada calça jeans.

Dou uma olhada em todo o ambiente, como um giro de trezentos e sessenta graus. Miranda havia sumido na multidão. Respirei fundo e encarei bem fixamente o rosto daquele jovem rapaz. Talvez eu jamais me recordasse daquele rosto. Ele era “Jack, o silencioso”. Odiava as aulas de atuação. Jack não parecia querer participar de nada, nunca, então por que ele estaria ali? Seria pelas mesmas razões que as minhas?

— Você precisa ir. Tem alguns minutos, antes que meus pais cheguem — falei.

— Já faria isto aqui... — Ele fez uma pausa e ergueu o canivete, fazendo-o se destacar meio a luz fraca. — Muito antes de ouvir o que ouvi.

— E o que ouviu em seu silêncio? — questionei atordoada.

— O interior das suas sombras. — Ele me deu

as costas.

Fiquei desolada, apenas me questionando naqueles segundos.

— Ei, Jack! — chamei sua atenção e ele parou de andar, ainda de costas. — Você irá precisar de mais do que isso aí.

Ele pôde fazer se revelar meu lado totalmente sombrio e eu gostei disso. Respirei fundo e acenei com a mão direita, o fazendo seguir. Ali eu me refiz, como uma boneca de marionete, pronta para entrar em cena.

**

Os dias se passaram estranhamente rápidos. Era final de semana e a única coisa que eu desejava era estar em qualquer lugar, menos no que eu estava. Desde a conversa bizarra que tive com Jack, por trás das cortinas do palco daquele teatro, ele tem me procurado. Na verdade, perseguido,

PERIGOSAS NACIONAIS

levando em consideração suas mensagens de segundo em segundo, dizendo coisas como: “Eu te amo, Celine”, “Sempre te amei, Line, você nunca percebeu nada? Nunca sequer olhou para mim!?” , “Irei te proteger, meu anjo”. Aquelas palavras me deixaram atordoada, confesso. Não amedrontada, mas sim angustiada seria a palavra absolutamente correta.

— Espero que esteja pensando em como fará para gravar as falas de sua próxima apresentação.
— meu pai faz um comentário absurdo, interrompendo meus pensamentos.

— Estou estudando para a prova — falei baixo, porém firme. Eu não podia demonstrar mais tanto medo.

— Você não vai ser médica. — Minha mãe ri forçado, parecia extremamente irritada e decepcionada.

PERIGOSAS ACHERON

Com toda a certeza eles eram frustrados. Como pais tão ricos e bem-sucedidos no mundo dos negócios poderiam ter tempo para me pressionar tanto? Eu já não suportava mais! Eles não tinham tempo para mim ou para nada, mas separavam algum somente para encher minha cabeça!? Tentar influenciar em minhas escolhas profissionais? Não. Não podia mais. Tinha de haver uma saída ou eu mesma iria criá-la.

Naquele mesmo dia, o céu foi tomado pelo breu. Encarei-o e vi o quão brilhantes as estrelas se encontravam. Respirei fundo. Ele não iria acabar com mais uma noite. Na ponta dos pés, eu descí as escadas. Jack me enviava mensagens freneticamente, dizendo já estar me esperando do lado de fora. Corri até o escritório do meu pai, que, por sorte, estava aberto, mas me deparei com a gaveta daquela luxuosa cômoda de madeira de lei trancada. Eu deveria imaginar que ele fizesse isso

PERIGOSAS ACHERON

algumas vezes no dia e principalmente na parte da noite. Eu me questioneei. A chave só poderia estar em seu quarto. Não poderia adiar. A tortura acabaria naquela noite.

Frustrada, perto de desistir, me apoiei bruscamente na cômoda e bufei. Escutei um barulho e é como se uma pequena chave saísse do espelho da parede, praticamente grudado a cômoda. Sorri mentalmente e então testei a chave. Tudo se resolveu ao colocar as mãos naquele revólver.

**

— Calibre 38 — falei sem sentimento algum. Era como se meu coração estivesse pesado de tão gelado e meus olhos ardessem de tanta certeza.

— Eu sei. Entendo sobre, mas nunca tive acesso, até agora. — Ele me olhou e percebi o quão sombrios seus olhos estavam.

— Por que quer tanto dar fim a Miranda? —

perguntei para me livrar do peso da dúvida.

— Não tenho o menor talento para aquilo, muito pelo contrário, sou muito tímido — disse cabisbaixo, parecia esconder o próprio rosto. — Não quero ser ator. Nossa professora aceita o pouco dinheiro dos meus pobres pais para iludi-los.

Eu me aproximei de Jack e, então, toquei seu rosto.

— Você me ama, não é? — questionei já certa da resposta.

— Sim. Você é como um anjo — ele falava como se estivesse em transe, completamente hipnotizado. Encarava fixamente cada detalhe do meu rosto.

— Então não é Miranda quem você irá eliminar. São aqueles que me fazem mal e me ocupam os pensamentos, quando só quero pensar em você, Jack — fingi um sorriso.

— Irei provar que te amo. Me diga, quem são seus opressores? — ele perguntou e eu mostrei algumas fotos de meus pais e meu avô adotivo, padrasto de meu pai, por isto, quando fazia algo “errado”, ambos, meu pai e minha mãe, ordenavam que ele me punisse.

Expliquei exatamente onde todos eles estavam, como num mapa mental, logo após, possuído por uma ira, como um protetor, Jack entrou por aqueles muros. Ele sabia que, depois disto, iríamos fugir e só o que lhe importava, e o cegava, é que seria ao meu lado. Escutei uma sequência de gritos e disparos quase silenciosos.

**

Acordei completamente assustada e incomodada pela presença de uma luz branca forte. Na verdade, tudo era branco. As paredes eram brancas, homens e mulheres também andavam de

branco.

— Onde estou? — perguntei amedrontada, me encolhendo naquela maca hospitalar. Sim, aquele lugar era um hospital, ou muitíssimo parecido ao menos.

Alguém comentava algo como “previsto, houve perda de memória”.

— Sou como uma enfermeira, cuidei de você nos primeiros momentos em que chegou aqui — ela disse como se tentasse me recordar de algo. — Não se recorda de nada, querida?

Balancei a cabeça negativamente.

A mulher me entrega um jornal e destaca uma manchete específica para que eu possa me concentrar. Enquanto leio, ela tenta deixar tudo mais claro para que eu entendesse.

— Você foi encontrada desacordada no teatro da cidade. Tentou suicídio logo depois que ordenou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

friamente que seu namorado assassinasse sua família. Estão todos mortos e Jack Rutherford foi preso em flagrante — ela narrou aquela história de horror, que eu desconhecia até então. — Mila, sua amiga do colegial, recebeu mensagens suas para encontrá-la no teatro e invadi-lo, então você apresentou a peça teatral mais verdadeira de sua vida, onde narrava de seus traumas, até o planejamento do assassinato de sua família. Ela ligou para Miranda, sua professora de teatro, assim que você tentou suicídio, no auge de sua loucura.

Respirei fundo confusa.

— O que tudo isso quer dizer? — A encarei.

— Isso não é um simples hospital. É um sanatório. Você passará o resto de sua vida aqui. Tem tido muitas alucinações e é muito agressiva — ela explicou.

Perdida em meu destino incerto, percebo o som

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perturbador de “tic-tac” daquele relógio na parede branca. Eu me levantei da maca tão rapidamente que antes de conseguirem me agarrar e me colocar em uma camisa de força, arranquei o relógio da parede e o arremessei contra o chão. O barulhinho se fez, e o tempo se passou. Ora farsas são reveladas, ora janelas são fechadas e trancadas para todo o sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Noites de sangue

Eduardo Balthar Matias

Ana se mudou há poucos dias para o prédio Júpiter na rua Braga, número 33, no centro da cidade. Escolheu este prédio por se localizar perto da faculdade e ter mercado, padaria, farmácia, restaurantes, tudo na rua do prédio. Ela acabara de completar dezenove anos e já fazia três anos que havia fugido de casa. Essa lembrança ainda a assombrava, sentia falta da mãe, mas foi necessário que fugisse. O que ela não sabia é que os anos difíceis que viveu com a família iriam moldar seu caráter, seu ser, sua alma, de uma forma que nem ela mesma saberia explicar.

Ana era quieta, retraída e calada, não fazia amizade com ninguém, na verdade não se lembra de ter amigas. Ela preferia assim, pessoas eram perda de tempo, principalmente os homens com seu PERIGOSAS ACHERON

machismo. Para ela, todo homem era machista, declarado ou incubado. Ana odiava quando passava por algum e ouvia cantadas de baixo escalão, mas o que ela não sabia era que arrancava suspiros por onde passava. Seu andar confiante, seus cabelos longos e negros balançando ao vento chamava a atenção de qualquer homem. Mas havia marcas nela, marcas do passado que sempre a atormentavam em sonhos ou no dia a dia. Quando ouvia um homem gritar “*gostosa*” para ela, seu sangue fervia, se sentia possessa, se andasse armada, não pensaria duas vezes. Para sorte deles, ela só reclamava e xingava, isso até a noite chegar. A noite era o seu território, era aonde se sentia poderosa.

Rafael era seu vizinho de frente, assim que a viu no corredor do seu andar, ele ficou anestesiado, como uma mulher poderia ser tão linda e ter um ar tão misterioso? Ela passou por ele e nem o notou,

PERIGOSAS ACHERON

ele tentou dizer algo, mas não saiu nenhuma palavra. Ambos estudavam na mesma faculdade e ele também morava sozinho, mas era bem diferente, extrovertido, brincalhão, cara que fazia amizade com todos e que teria um papel muito importante na vida da Ana mais para frente, talvez se ele imaginasse essa importância, não teria se metido com ela, mas o destino quis assim, não tinha como evitá-lo.

Numa manhã de sexta, Ana saiu de casa ao mesmo tempo que Rafael, ele disse bom dia e ela só o olhou. Pensou que poderia ter dito ou agido errado, mas não, era só o jeito dela. Os dois caminharam pela mesma calçada por vinte minutos até a faculdade. E nesse pequeno trajeto, um cara que estava próximo a um bar, disse que ela “era muito gostosa e que adoraria brincar com ela”. Seu sangue ferveu, mas não chegou a dizer nada, apenas gravou bem o seu rosto. Rosto de um macho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que se acha. Haveria um troco, mas depois. Na faculdade cada um foi em uma direção. Rafael a olhava se afastando, “por que ela era assim, tão na dela e misteriosa?”.

Os meses foram passando e Rafael sempre tentava se aproximar de Ana, chegou a ir em sua turma, ela cursava arquitetura, mas ninguém sabia muito sobre ela. Disseram que era sempre calada, na dela. Mas, à noite, ela se transformava, colocava suas roupas mais provocantes, prendia o cabelo, usava blusas sem sutiã. À noite ela gostava de provocar de verdade, mas não era a presa, longe disso, era a caçadora. E uma caçadora cruel. Mesmo meses depois lembrava do homem do bar, não esquecia um rosto.

— E aí, gostosa, sempre te vejo passar por aqui de manhã, com seu cachorrinho andando atrás. É seu namorado? — disse ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho namorado. Não preciso de homem.

— Então quer se divertir? — Ele passou a língua nos lábios, olhando para os seios dela. Ele achava que tinha tirado a sorte grande.

— Vamos nos divertir muito.

— Quer ir para minha casa ou motel mesmo?

— Prefiro algo mais perigoso. Vem comigo!

— Ele a abraçou, apertou sua bunda, virou para os amigos no bar e deu um sorriso de triunfo.

Ela o levou para uma praça, que mais parecia um bosque de tantas árvores. O lugar era escuro. Era o lugar perfeito.

— Já vi que você é safada, quer trepar no meio do mato.

— Sim. Tem medo do escuro? — Ela deu um sorriso demoníaco, mas ele não percebeu. Estava excitado demais para perceber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O cara abriu sua blusa rapidamente e, em menos tempo, levantou sua saia, ela já estava sem calcinha para facilitar. Ele a pegou com jeito e a penetrou com satisfação. Gritou alguma safadeza, enquanto ela não ligava. Ele se esforçava e ela só esperava. Esperava o momento certo, que logo chegaria. O prazer tomaria conta.

— E aí, garanhão, vai gozar? — ela disse com impaciência.

— Sim. — E urrou de prazer. Mas ele não sabia o que lhe esperava.

Ana meteu a mão em sua bolsa tão rápido que ele não percebeu. Quando ele estava quase gozando, abriu os olhos e o que viu o deixou apavorado e de olhos arregalados. Antes mesmo que tivesse tempo de dizer algo, ela passou a faca no seu pescoço, com força e rapidez, já estava acostumada com isso. Ele engasgou com o próprio

PERIGOSAS ACHERON

sangue, tentava dizer algo e ela ainda estava montada nele. Ela riu. Mas não era qualquer riso, era um riso de prazer. Ele só pensava “por que?” Ele se engasgou mais, seu sangue escorria por seu peito e ela continuava olhando em seus olhos para ver sua vida se esvaindo, não demorou muito. Estava morto. Ela se levantou, se vestiu e se limpou. Largou o corpo onde estava. Em seguida, foi para casa, buscar seu material que ficava no carro. Rafael a viu chegando pela janela de seu quarto, estava bem tarde. Ela entrou e em poucos minutos saiu de novo, de carro agora, “*aonde essa menina vai a essa hora?*” Pensou em segui-la, mas ele não tinha carro. Na verdade, ele não tinha carteira de motorista.

Ana voltou ao corpo e, com uma pá, cavou uma cova e jogou o corpo. E pensou “*menos um babaca*”. Mas ele não foi o primeiro e nem seria o último. Na outra cidade em que morou, se divertiu

PERIGOSAS ACHERON

e matou quatro, conseguiu juntar um dinheiro desses idiotas. Ela sentia prazer em vê-los se engasgando e morrendo. Todos com o mesmo histórico, machistas e violentadores de mulheres. Ela não se considerava uma mulher má, não, ela estava limpando o mundo dessa escória de homens. Com certeza eles não fariam falta.

Por algumas vezes, Rafael viu esse padrão dela de sair de noite e voltar para pegar o carro. Não entendia esse mistério. De dia ela se vestia normal, ia para a faculdade, mas de noite sempre era sexy, sedutora e com uma rotina estranha. *O que ela escondia?* Depois de várias tentativas, ele conseguiu sua atenção, ganhou um bom dia dela uma vez. Ana o achava legal, talvez o único. Ele sempre foi cortês e bondoso, nunca disse nada que a ofendesse. Depois de muita insistência, os dois passaram realmente a ir juntos para a faculdade. *O que estava acontecendo comigo? Eu me sinto bem*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perto desse homem. Isso está errado. Ficou confusa com essa novidade.

A amizade começou devagar, mas foi se tornando intensa, Rafael sempre esteve apaixonado por ela. Ana talvez descobrisse o mesmo. Numa noite, ele resolveu segui-la e a viu com um homem. Ele não teve coragem de continuar seguindo. Agora num terreno baldio, ela transava com um homem mais velho e barbudo. Sempre a mesma faca. O corte foi rápido, ele nem teve tempo de perceber. Sangrou até a morte, mais uma vítima dela. Andava um burburinho pela cidade que uma viúva negra matava homens que mexiam com mulheres. Mas ninguém nunca descobriu quem era. Ela voltou para casa com o dever cumprido. *Menos um.* Ela não sentia remorso.

No dia seguinte, Rafael tinha tomado uma decisão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ana, eu sei que você sai à noite com homens e depois volta e pega o carro, não sei por que faz isso. Mas eu gosto de você.

— Você é um cara legal, merece alguém completa e não uma garota quebrada como eu. Você merece uma garota melhor.

— Somos amigos há um tempo, e não sei nada sobre você. Te contei toda a minha vida. Por que diz que é quebrada?

— Eu te disse que fugi de casa aos dezesseis anos e que não me orgulho como sobrevivi. Mas não te contei o porquê fugi. — As lembranças eram dolorosas.

— Confia em mim — disse Rafael, com ar determinado e inocente.

— Eu... — Era difícil de dizer. — Eu fui estuprada pelo meu padrasto dos onze aos dezesseis anos, quando enfiei uma faca em seu peito e fugi.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, depois, soube que ele sobreviveu. Não sei se foi bom ele ter sobrevivido. Eu tenho uma irmã, filha dele.

— Eu... Eu não sei o que dizer. Nenhuma mulher, ou pior, criança deveria passar por isso. Sinto muito. De verdade. — Rafael ficara abalado.

— Você é especial. Todos os homens que conheci são iguais ao meu padrasto. Menos você. — Ele tinha sempre algo a mais e isso apavorava ela.

— Fica comigo então. Eu te ajudo a encarar o mundo e completarei você, não será mais quebrada. — Ela apenas sorriu. E os dois passaram a noite conversando no sofá. Uma noite sem estrelas, mas com um significado enorme.

Rafael notou que ela não saía mais de noite. Pelo menos por um tempo. Mas ela sentia prazer,

PERIGOSAS NACIONAIS

não nos homens, mas em matá-los, era como uma droga e ela estava em abstinência já havia algumas semanas. Rafael a completava, talvez fosse feliz com ele, mas ainda precisava de mais uma morte, só mais uma, só mais um homem que mexeu com ela na rua. Seria o último e ela só se dedicaria ao Rafael e seria feliz. Pela primeira vez na vida. Não havia mais segredos, mistérios. Ela enterraria com esse homem o seu lado sombrio, para sempre. Deixaria tudo para trás.

Encontrou o homem na rua, mexeu com ela de novo, o que levou para à morte. O que não esperava é que dessa vez Rafael a seguiria. Enquanto ela transava com o cara no meio do mato, ele a viu. Ficou arrasado. Ela sacou a faca. Seus olhos se arregalaram de surpresa e não acreditando.

— Ana? — Era um grito de traição, surpresa e dor. Ele sabia que ela era sombria e que passou por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muita coisa, mas não que era uma assassina a sangue frio. Sua Ana era uma assassina.

Aconteceu tudo muito rápido, o homem se levantou, deu-lhe um tapa, ela caiu, mas lutou, enquanto Rafael olhava sem reação. O homem tomou a faca e num movimento rápido enfiou em sua barriga. Rafael gritou e partiu para cima do homem nu, os dois brigaram, mas Rafael era mais forte e o atingiu na cabeça com uma pedra, caiu morto na hora. Ele se tornara um assassino, em legítima defesa, mas um. Correu para Ana desesperado e chorando, não acreditava.

— Por que Ana? — Ele chorava e estava confuso.

— Eu fui violentada minha infância e adolescência toda. Mas não consegui matar o homem que me destruiu. Então passei a me vingar de todos os que mexiam comigo, para me salvar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deles e livrar outras mulheres.

— Você é uma psicopata, matou vários homens, há uma investigação acontecendo, estão atrás de você. E veja como você está. Meu Deus.

— Agora não importa mais. Mas quero te dizer algo antes de morrer. Tive uma vida difícil, mas os dias em que estive com você foram os melhores e verdadeiros. Eu t... — Houve um último suspiro e ela morreu.

— Eu também te amo, Ana.

Em seguida, Rafael chorou, talvez por horas, até chamar a polícia.

Agora mesmo, ele me relatava a história da Ana, da mulher, sua vizinha quieta, calada e na dela, que ele amava e que matou diversos homens com cortes na garganta. Rafael nunca vai esquecer dela e nunca mais será o mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

A Menina dos Olhos Âmbar

Gabriela Reis

Eu sou apenas um ser confuso, confuso após tentar compreender a mente dela, compreender seu olhar frio, seu sorriso mórbido. Eu deveria narrar tudo, tudo sobre ela, saber o que se esconde em sua mente, confesso que tive que me contentar em ser apenas observador, o máximo que ela me permitiu foi observá-la. Com sua pele clara como a neve, lábios finos e rosados, belos dentes brancos, que raramente mostrava. Seu cabelo digno de ser exaltado. Em tons avermelhados, com leves ondas... Ah! Lembrava-me um mar calmo. Mas seus olhos rapidamente agitavam tudo. Âmbar de uma beleza ímpar, sem igual, entretanto destilavam frieza. Apenas uma vez a encarei nos olhos. Eu mesmo prometi que nunca mais faria isso. Seu nome era Anne.

PERIGOSAS NACIONAIS

Anne era a personificação da frieza. Insensível e indiferente a qualquer dor. Mas ainda era a Anne, a menina-mulher de olhos âmbar, que nunca acreditou no amor, mas que um dia desejou amar e ser amada. De fato, ela amou alguns rapazes — ainda quando adolescente —, porém não desenvolveu a capacidade de ser amada por nenhum deles.

Anne não tinha uma família estruturada. Tudo que tinha era um pai alto, magro, miserável e com fama de beerrão. Uma avó, que fazia o papel da mãe que nunca tivera, bondosa, amável e protetora. Tudo que a menina sabia sobre os homens é que eles são egoístas, rudes, machistas e alguns alcoólatras. Anne sempre repetia a mesma coisa:

— Todo homem deveria morrer após uma longa noite de amor. Você não deveria assustar-se ao ouvir isso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela o disse com um sorriso sarcástico e os olhos... Eu não sei como estavam, depois daquela vez, nunca mais olhei.

Anne prometeu nunca mais amar alguém, mas não prometeu que não permitiria ser amada. Mas por que se preocuparia ela com isso? Ela de fato nunca foi amada, nem pelo primeiro namoradinho, que enrijeceu ainda mais seu coração, nem pelo pai viciado, que amava mesmo era as noites embebecidas pelo álcool. Sua avó? Falecera quando a neta tinha apenas 13 anos, foi picada por uma aranha venenosa, que gosta de atacar em meses quentes e chuvosos.

— Anne, do que é que você gosta?

— Das flores!

Também fiquei admirado. Como poderia aquela mulher, sentada bem em minha frente, com tamanha frieza, gostar das flores?

PERIGOSAS ACHERON

— Gosto dos crisântemos.

— SÉrio!? Não conheço. Por que eles te encantam?

Anne abaixou a cabeça, tocou delicadamente os longos e encantadores fios arruivados, passeando com eles por entre os dedos... Rapidamente e de forma brutal, arrancou um fio bem avermelhado, grosso e danificado, pontas duplas, suspirou suavemente, levantou a cabeça e olhou o último raio de sol que se passara do lado de fora da pequena janela de seu quarto. Eu, do lado de cá, aguardava ansioso por sua resposta. Minha caneta estava louca para escrever aquela resposta. Mas ela não veio.

Anne era uma moça esperta. Trabalhou dignamente para pagar as despesas de sua casa e os estudos. Formou-se em Biologia e dedicou-se ao estudo dos aracnídeos, talvez pela morte repentina

da avó. Também pagava uma casa de recuperação para seu pai. Seu sonho era vê-lo curado, livre da peçonhenta bebida. Mesmo sendo homem, Anne tinha consciência de que ele era seu pai, e tudo que tinha na vida. Irônico, não? Tudo que Anne tinha em sua vida era um homem!

A menina dos olhos âmbar, embora fizesse uma promessa de nunca, nunca amar ninguém, em um momento de desleixo deixou aberto o seu coração. Seria impossível não ser amada por Adolf. Homem feito, 27 anos, moreno claro, barba bem-feita, olhos verdes, cabelo negro e sedoso, a altura era perfeita para a de Anne, ela podia ficar na ponta dos pés. Como se tudo isso não bastasse, Adolf esbanjava um sorriso que era um misto de pureza e malícia. Adolf e Anne conheceram-se em uma festa afastada da cidade, onde foi inevitável não perceber aquela jovem linda, que lançara acidentalmente um sorriso fascinante para ele. Um pouco embriagados, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eles se beijaram ali mesmo. Havia muitos ao redor, porém, na agitação da festa, quem ficaria olhando para um casal no canto de um bar?

— Anne, por que é que você bebia, mesmo diante do caso de seu pai? — perguntei para ela.

— Nós mulheres temos que aprender a dominar todos os vícios! — respondeu-me serenamente.

É claro que os dois trocaram números de celulares e foram se envolvendo cada vez mais. Anne só percebeu que estavam namorados após três meses saindo todos os finais de semana. Ele a pediu em namoro. Anne ficou em choque, sem saber como reagir.

— Adolf, não seja bobo. Você só me beijou naquela noite porque estava embriagado.

— Ora, moça. Acho que devo então agradecer a bebida por ter te conhecido!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi assim que Anne soube que estava namorando. Ela gostava dele, pois, assim como ela, ele sabia dominar os vícios.

O dia estava bonito, ensolarado, em coro os pássaros entoavam cantos irresistíveis, a brisa estava suave... Porém, Anne não estava para papo. De fato, nunca esteve, mas neste dia estava cautelosa com as palavras, quase mórbida. O seu cabelo é que estava lindo. Parecia ter sido incendiado pelos raios de sol e estavam leves, como se quisessem ir a algum lugar, eu poderia naturalmente me apaixonar por ela. Às vezes me pergunto o que Adolf sentia ao olhar para os olhos da amada Anne.

O casal era só felicidade. Venceram juntos o outono, o inverno frio da cidade, até chegar o verão. Ah, o verão é uma das estações mais lindas. Sol e chuva batalham pelo dia, às vezes bailam

PERIGOSAS ACHERON

juntos no ar. Mas Anne gostava era quando os trovões agitavam a estação. Eles são intimidadores e fazem com que as pessoas, antes felizes, recuem para suas casas e fiquem quietos temendo o ronco das trovoadas e o rasga-céu dos relâmpagos. Foi em um dia como esse que lamentavelmente as coisas começaram a mudar.

Adolf amava Anne e isso era tudo que ela queria, ser amada. Ele a fazia se sentir única, desejada, seu mundo era Anne. Mas ela continuava fria a qualquer demonstração de afeto. Anne finalmente conseguira o que queria: quanto mais ela era amada, menos ela amava. E assim acreditava evitar que pudessem machucar seu coração. Creio que em uma relação, alguém sempre amará mais que o outro, mas se o outro não amar ao menos um pouco, se não devolver um pouquinho do que recebe, tristemente afirmo que nunca poderá dar certo. Talvez Anne precisasse de

PERIGOSAS ACHERON

alguém para dizer-lhe isso.

Inevitavelmente, Adolf começou a perceber a indiferença com que era tratado. Questionava Anne constantemente se ela o amava. Porém quando ele olhava em seus olhos via apenas uma menina doce e confusa, e assim não conseguia por fim a relação monótona em que se envolvera, mesmo demonstrando agrado por outra jovem. Anne percebeu e ficou enfurecida, ou talvez apenas com medo do que poderia acontecer. Medo de ser trocada por outra, como sempre foi em sua vida.

— Anne, por que você não o deixou ir e terminou o relacionamento?

— Você só solta um pássaro doméstico da gaiola, se tiver certeza que ele voltará.

As respostas de Anne eram as mais egoístas possíveis, eu poderia discordar dos fatos, mas em nenhum momento poderia ou sequer conseguiria

discordar de suas respostas.

Anne pensou em cada detalhe. Foi minuciosa, parecia ter o relógio contra si, mas era ela naquele momento a dona do tempo. Em uma tarde chuvosa de verão, chamou Adolf para ir à sua casa. O jovem amava estar ao seu lado. A menina dos olhos âmbar o pediu que a levasse flores, mais especificamente alguns crisântemos.

Eu não sei o que ele pensou, sequer sei se ele conhecia aquelas flores e Anne não me respondeu nada a respeito. Sem questionar, ele apenas as entregou. Ela estava linda. Vestida de vermelho, cabelos rebeldes, olhar quente e descalça, como se o pedisse para despi-la. A única peça, um vestido vermelho. E assim eles estavam prontos para a tarde de amor. Embalados pelo som da chuva caindo veloz do lado de fora da janela. Mas antes o último drink. Ela dizia para ele que o vinho era o

pagamento pelos crisântemos. Ele olhava fixamente para as flores, enquanto ela se deliciava com o último gole bebido por Adolf.

Adolf começou a sentir-se estonteado, mas ainda assim, louco de desejo por Anne.

Ele a olhou nos olhos e teve a sensação dilacerante de ser a última vez que a olhava.

A chuva do lado de fora estava cada vez mais impiedosa, cheia de fúria. Um risco cortou o céu da cidade, seguido por vários outros. Trovões pareciam suplicar pela vida de Adolf, enquanto ele balbuciou as últimas palavras...

— Eu te amo, Anne...

Anne, após caminhar pelas teias de seu ninho, enfraquecida, decidiu ingenuamente matar o seu parceiro e se alimentar de seu amor.

— Anne, por que você fez isso? — perguntei ainda incrédulo pelo o que acabara de ouvir.

— Por que é assim que a Viúva Negra faz. Ela mata seu parceiro após uma longa noite de amor.
— respondeu-me sem nenhum remorso, sem nenhum sinal de arrependimento.

Pensei em várias formas de descrever Anne. Por diversas vezes a descrevi como um monstro. A verdade é que Anne era uma mulher doente e egoísta. Ela sabia que não tardaria Adolf trocá-la por outra mulher. Mesmo que ela não o amasse, nunca o deixaria livre para abandoná-la. Foi neste momento que percebi o quanto Anne era obsessiva. Adolf a pertencia.

— Agora você sabe por que eu gosto dos crisântemos, investigador?

Eu me sentia atordoado pelo que ouvira de seus delicados lábios, perplexo, sem nenhuma reação.

— Os crisântemos representam a vida e a

morte. Adolf sabia muito sobre mim, ele olhou em meus olhos e não teve medo, mas naquela noite ele olhou em meus olhos e quis me abandonar. Uma pena. Era justamente o dia de sua morte!

Enquanto me dizia essas palavras, ela veio caminhando lentamente, chegando cada vez mais próxima a mim, como se tivesse calculado e ensaiado cada passo. Ela trazia algo escondido em suas mãos. Acho que eu sabia muito sobre ela. E antes de eu narrar às últimas palavras consegui identificar algumas flores no lado esquerdo da cômoda de Anne.

— É, acho que esses são os crisântemos, não é Anne?

— Resolvi mostrar as minhas flores preferidas pessoalmente, investigador. São lindas, não acha?

Senti apenas o sangue escorrendo em meu peito. Anne nunca foi boba. Eu sabia muito sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

ela para continuar vivo.

PERIGOSAS ACHERON

Predadora

Rô Mierling

Sábado. Ela se vestiu com cuidado, colocou seu melhor vestido, o vermelho cavado, com as sandálias de salto alto. Colocou os brincos, o batom e o perfume.

Olhou no espelho e aprovou o que viu: “Estou linda” – pensou ela.

Uma buzina na rua, ela sabe que é João que a chama.

A moça do vestido vermelho desce as escadas, suspira, barriga para dentro, peitos para fora e sai. João está no carro, esperando por ela.

João a olha, desce do carro e abre a porta para ela.

Ela entra, ele sente seu perfume e encantado já antecipa as sensações que terá naquela noite. Eles

PERIGOSAS NACIONAIS

saem para jantar, em seguida andam um pouco de carro pela cidade, conversam e param em uma rua deserta.

O carro lá fica por uma hora. Ela volta para casa, cansada, amassada, entra, bate a porta e suspira:

— Que delícia. Adoro isso!

Ela toma um banho, veste uma camiseta velha, ela deita na cama, liga a televisão e adormece com um sorriso no rosto.

**

Ana olha o relógio, olha a janela e nada, onze horas, meia noite, uma hora. Nada. Seu filho chora no berço e ela aflita anda, de um lado para o outro, nervosa. O bebê chora mais alto, ela também chora. E nada de João.

**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quinta feira, ela chega do trabalho, toma um banho, escolhe uma saia curta e uma blusa transparente preta, sandálias vermelhas, brinco e perfume.

Olha-se no espelho e se admira. Ela escuta a buzina e desce.

Marcos a espera. Ele desce do carro, abre a porta para ela, satisfeito com sua beleza. Eles vão ao cinema, comem pipoca, riem muito juntos, ele pega na sua mão, uma comédia.

Em seguida saem com o carro e param em frente ao mar, está escuro, já é meia noite. O carro ali fica por mais de uma hora. Marcos a deixa em casa.

Ela toma um novo banho e deita, feliz adormece.

**

Silvia liga pela décima vez para o mesmo
PERIGOSAS ACHERON

número com o mesmo resultado, fora de área ou desligado.

“Mas o que pode ter acontecido? Será que ele sofreu um acidente? Será que foi assaltado?” – pensa Silvia.

Silvia liga de novo e de novo e de novo. Marcos não atende.

“Já passa da meia noite, onde ele estará?” – Silvia se pergunta.

Domingo. Ela acorda tarde, vai à praia, volta, toma um banho, já são seis horas da tarde. Ela escolhe um short curto e uma camiseta branca colada.

Uma moto para em frente à sua casa, ela sorrindo sai e abraça Ricardo. Ele, encantando, lhe dá um beijo apaixonado e a leva para um passeio longo de moto, eles riem juntos, ela abraça forte o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo musculoso de Ricardo.

Chegando a uma casa amarela no fim de uma rua estreita, Ricardo buzina, um amigo seu aparece na janela e faz um sinal.

Ela e Ricardo entram na casa e vão para um quarto e lá ficam por duas horas.

Ricardo a deixa de volta em casa, ela entra, toma banho, está cansada demais para se vestir, coloca uma calcinha e vai para a cama pensando: “Preciso ligar para o Lucas!”

**

Cíntia, cansada de tocar a campainha na casa do namorado Ricardo, desiste e vai para sua casa, confusa, triste e desconfiada: “Por que ele não está em casa se amanhã ele tem prova na faculdade?”

**

Quarta. Ela, depois de tomar banho, não sabe o que vestir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucas beija Andreia e suas filhas e diz que vai até a casa de um amigo ajudá-lo com o carro que está com problemas. Novo encontro, carro parado, nova demora, satisfação dela e dele.

**

Andreia está ansiosa e preocupada com a demora de Lucas. “Onde ele está?”

**

João, Marcos, Ricardo, Lucas. E tantos outros. Corpos satisfeitos, mentes com remorso. Ana, Silvia, Cintia, Andreia e tantas outras. Mentes aflitas, vidas e sonhos abandonados.

**

Ela, assassina de famílias, destruidora de sonhos, predadora de homens. Satisfeita, feliz, realizada, procurando o telefone do Fábio que é marido da Angélica, que tem com ele três filhos. Não faz nenhuma diferença para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O mal que ela causa é, muitas vezes, pior que a morte, mas para ela não existe outros, só existe ela e sua satisfação na destruição de famílias, êxtase no seu prazer, quando sua rede se joga e os tolos homens caem.

PERIGOSAS ACHERON

Linhagem
Mithiele Rodrigues

Capítulo 1

Por tudo que é mais sagrado, espero que essa garota vá embora. Espero que ela não olhe outra vez para o meu namorado, porque ele é *meu*.

Entretanto, a morena dá uma piscadela bem na minha frente, e meus dedos do pé se contorcem com a raiva.

Não posso fazer nada aqui!

— Amor, não estou me sentindo muito bem, me leva para casa?! — O tom da minha voz deixa bem claro que ele tem que me obedecer, mas não antes de dar uma última espiada na morena que anda assombrando os meus pensamentos nas últimas semanas.

Se eu descobrir alguma coisa, não saberei o que fazer.

Ed é só meu! A nossa história é linda e nunca deve ser manchada.

Quero que ele faça parte da minha linhagem.

Capítulo 2

Três meses depois

— Vocês têm que trazer uma parte do seu salário para a igreja, irmãos.

A mesma falácia de sempre me faz querer vomitar.

Venho aos cultos todas as quartas-feiras e domingos, pois os meus pais são bastante religiosos e me forçam a ser do mesmo jeito.

Tudo bem, eu posso lidar com isso, penso em

PERIGOSAS NACIONAIS

Ed quando estou aqui. Ele é quase uma parte de mim desde que nos conhecemos. Lembro exatamente do nosso primeiro dia, quando nossos olhos se encontraram e eu soube que ele seria meu, fiquei obcecada por ele. O garoto dos olhos negros e pele bronzeada faz o meu coração acelerar e, além disso, somos compatíveis em *tudo*, se é que me entende.

Mesmo dando tudo de mim, estou percebendo Ed um pouco distante, bastante intrigada, mesmo que ele diga que é por causa das provas da faculdade.

Se eu souber de algo...

Tenho tido esse tipo de pensamento ultimamente. Coisas que eu faria se não tivesse autocontrole.

Assim que o culto acaba, falo com alguns “irmãos” e a pior parte é sempre a volta para casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria ter nascido em outra família, porque é extremamente irritante a maneira como meus pais são fissurados pela religião. Não me leve a mal, eu creio em Deus, mas não gosto muito de como essas pessoas o seguem.

— Querida, compramos o óleo da unção. Assim que chegarmos em casa, faremos uma oração por você, eu percebi a marca nas suas mãos.

Reviro os olhos, pois odeio quando esse tipo de coisa acontece e automaticamente enterro as unhas grandes na palma da mão. É uma mania que tenho quando estou perdendo o controle da minha mente.

Sou bastante violenta, mas as pessoas não sabem disso. Certa vez, uma garota me chamou para brincar com ela, mas eu simplesmente não queria, porque estava pintando (o que sempre me faz relaxar), mas a pirralha insistiu e eu surtei,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confesso, peguei o lápis com a ponta mais afiada e furei seu braço. A garota teve o que mereceu, sejamos sinceros, mas me senti mal quando ela contou aos adultos o que eu havia feito, mas quem acreditaria naquela otária?

Sempre me comportei muito bem na frente das pessoas, por isso, quando aquela história foi à tona, inventei uma mentirinha e fingi que havia sido acidente, até porque seria impossível um anjinho de sete anos, com belos olhos azuis e cabelos loiros, fazer aquilo com alguém.

As únicas pessoas que convivem comigo, no caso, os meus pais, sabem que *às vezes* eu passo dos limites, como da vez que eu joguei um copo de vidro na direção da minha mãe. Em minha defesa, ela queria me bater com uma colher de pau!

Os meus pais são altamente controladores e, por isso, tenho que usar toda a minha concentração

PERIGOSAS ACHERON

para não parecer uma maníaca que no fundo eu acho que sou.

— Já estou bem, não preciso de nenhum óleo da unção.

Observo as marcas que a minha unha deixou e respiro fundo para não fazer novamente até sangrar. Ando muito estressada ultimamente e tudo isso se deve àquela morena que anda cercando o meu namorado.

Estava tudo indo bem até ela aparecer, mas a garota insiste em tentar roubar o que é meu, quase como se estivesse entediada e sem nada melhor para fazer.

Para a sorte dela, tenho uma autoestima alta e, por esta razão, sei que Ed ficará comigo para sempre. Ele disse que me ama, sou única para ele.

— Vamos orar por você, é o melhor a se fazer.

Mordo o lábio com força e sinto o gosto

metálico se espalhar pela minha boca, preciso aguentar só mais um pouco, antes de ir embora para alguma universidade longínqua.

Se os meus pais soubessem o que eu faço escondida, não me deixariam sair de casa, mas sempre minto dizendo que irei para algum círculo de oração.

— Ok, mãe, se insiste...— *Como se isso fosse mudar quem eu sou*, penso.

Meu pai coloca um CD gospel e vamos o caminho inteiro escutando, eles, pelo menos, pois estou pensando na minha obsessão.

Capítulo 3

Um mês depois

Espregiço-me e olho para o lado, onde Ed

PERIGOSAS NACIONAIS

está com os olhos fechados. É notável a paz em cada traço de seu rosto negro e lindo, é sempre assim que ele dorme comigo, como se eu fosse o anjo de sua vida.

É a melhor sensação do mundo!

Mas ele tem se afastado um pouco e isso está me deixando com medo, por isso, já tenho um plano para que nosso amor volte a ser como nos primeiros meses.

Na última semana, Ed me levou para conhecer a sua família, e eles me amaram (não deixei escolha, fui uma jovem perfeita), o que me levou a começar uma com ele.

Podemos ter um futuro incrível, eu e ele em algum lugar distante, com... O nosso filho...

Então, cogitei a hipótese de engravidar e, dessa forma, Ed me amaria incondicionalmente por lhe dar o melhor presente do mundo, ser pai.

PERIGOSAS ACHERON

Engravidar não é fácil quando o seu namorado sempre quer fazer amor com camisinha, o único problema é que o doce Ed é ingênuo demais, sendo assim, arrumei um jeito de furá-las com um brinco, enquanto o distraía com meus beijos.

Ed confia mesmo em mim.

Quando Ed abre seus olhos e sorri preguiçosamente, os lençóis contrastam com a sua pele de café que eu tanto amo e me aproximo para o beijar.

— Bom dia, anjo. Já estava acordada?

Seus lábios têm o melhor gosto e me pergunto quantas outras já o sentiram antes de mim, pois serei a última.

— Já e observando você dormir como um bebê.

— Miley, você é incrivelmente sexy quando me olha dessa forma.

Toco sua têmpora e lhe beijo outra vez, dando tudo de mim, todo o meu amor e mordo levemente os seus lábios grossos, sinto um calor percorrer o meu corpo. Sempre que começamos isso, nunca paramos, e preciso ter certeza que nesse mês ficarei grávida.

— Você me ama? — pergunto, sem fôlego, interrompendo nosso beijo *caliente*.

— Claro que sim, meu anjo. Muito.

— Então fale.

— Eu te amo, Miley. Satisfeita?

Droga, preciso mesmo engravidar desse homem e fazer com que ele seja meu para sempre, independente do que eu tenha que fazer.

Capítulo 4

Respiro fundo, várias e várias vezes antes de

espiar o resultado e verificar que estou grávida. Minhas mãos estão trêmulas e é quando me dou conta de que precisarei trocar fraldas por anos, mas isso não importa, pois terei Ed ao meu lado.

•

Estaciono o carro na frente da casa cinza e enorme, minha mãe vai me matar se souber que roubei o seu carro, mas eu precisava fazer isso. Era necessário.

Os pais do meu namorado viajaram e isso me ajuda muito, pois quero que o homem da minha vida seja o primeiro a saber que será pai.

Assim que Ed abre a porta e me vê, parece surpreso, o que me deixa com uma pulga atrás da orelha e logo em seguida me chama para ir até o seu quarto.

— Tenho uma surpresa para você.

Ele me analisa dos pés à cabeça, estou com um

PERIGOSAS ACHERON

short curto e preto, com um top sem alças, os meus pais não me deixam usar esse tipo de roupa, mas as coloco quando não estão por perto.

— Sou todo ouvidos.

— Estou grávida!

O tempo para quando Ed recebe a notícia, vasculho cada parte de seu rosto em busca de emoção, mas tudo o que vejo é desespero, isso me desestabiliza. Aperto as unhas na palma de minha mão com bastante força e sinto a pele rasgar.

— Nós sempre nos prevenimos, Miley, como isso aconteceu?

Essa não era a reação que eu esperava, mas acho que ele precisa de um tempo para absorver a ideia e ficar extasiado com a notícia, afinal, esse bebê virá para eternizar nossa relação.

— Não sei, Ed, mas minha menstruação atrasou e quando fiz o teste, descobri que estava

grávida.

— Preciso de um tempo para assimilar isso.

— Tudo bem, mas não deixe de me amar.

— Não deixarei, mas você precisa me deixar sozinho.

Vou té¹ ele e o beijo antes de ir embora.

Joguei a bomba, agora tenho que esperar a poeira baixar.

•

Já dei a tarde inteira para Ed pensar sobre o nosso bebê, e agora estou escapando pela janela para ir até sua casa. Sempre faço isso e os meus pais nunca percebem...

Ando por vários quarteirões e, quando vou até a porta dos fundos, escuto uma voz feminina junto a de Ed, meus pelos eriçam com as possibilidades. Fico enfurecida e um sorriso maligno toma os meus

lábios.

Aproximo-me o suficiente para escutar o que os dois pombinhos estão falando.

— Não podemos continuar, isso já foi longe demais.

— E tudo o que passamos juntos? Não conta?

Tudo o que passaram? Meus pensamentos são rápidos e vasculho a minha bolsa atrás do canivete de prata.

Essa nojenta infestou o meu relacionamento perfeito e precisa pagar pelo que fez.

Pensa. Pensa. Pensa.

Como uma lâmpada, a ideia brilha na minha cabeça antes que eu possa pensar na palavra “vingança”.

— Sinto muito, mas o meu coração pertence à Miley, ela me entende como ninguém.

Essas palavras aquecem o meu coração e uma lágrima cai pelo meu rosto antes que eu possa me conter.

Ed me ama de verdade, por isso preciso fazer a coisa certa.

•

Katy saiu da casa de Ed de forma tempestuosa, e depois de segui-la a uma certa distância, me preparo para o ataque final. Minhas mãos tremem de emoção quando tenho a certeza que tudo acabará bem para a minha linda família.

¹ Até

— Você deve estar explodindo de raiva, sua vadia!

A morena se vira para mim e posso ver a

irritação brilhar no seu olhar.

— E você veio aqui para me dizer isso?

— Também... Quero que morra sabendo que eu triunfei.

Vejo sua testa franzir, mas, ao mesmo tempo, sei que ela não acredita no que eu sou capaz de fazer.

Chego bem perto dela e a raiva queima pelas minhas veias antes que eu puxe o canivete e acerte o seu pescoço, torcendo para que acerte em sua jugular. Sinto nojo e prazer ao ver o líquido vermelho escorrer por sua pele morena e bonita.

— Uma pena você ter entrado no meu caminho.

A mulher engasga e não consegue responder, dou um sorriso angelical e a vejo desabar no chão, batendo a cabeça em seguida.

Esfaqueio o meu braço, em uma área não letal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e quando o sangue escorre e a dor me percorre,
pego o celular e começo a chorar, sou boa nisso,
em mentir.

— Alô? Ai meu Deus, acabei de esfaquear
uma garota. Ela tentou me matar!

PERIGOSAS ACHERON

Um Jantar

R. A. Tsuchiya

"Cooking is the ultimate giving."

Jamie Oliver

O banheiro estava imerso em vapor, resultado de um longo banho quente. Alice estava com uma toalha enrolada nos longos cabelos negros e outra envolvendo seu corpo. Entrou no quarto e viu seu novo vestido vermelho, escolhido especialmente para aquela noite, esticado em sua cama. Pegou a *lingerie* preta, comprada na mesma loja que o vestido, e vestiu-se com calma, percebendo como as peças de roupa ficavam perfeitamente ajustadas às suas curvas.

Secou e penteou os cabelos, que retomavam suas ondas naturais. Escolheu um par de brincos de discretas pérolas que faziam conjunto com um fino

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cordão de prata. Estudou com calma o batom vermelho, um tom que desse mais volume a seus lábios. Passou-o com a mesma dedicação de um pintor à sua tela. Vestiu a estrela de seu visual: o vestido era a peça central da composição. Calçou os delicados sapatos carmesim, que deixavam a ponta de seus dedos à mostra. Virou-se para o espelho e verificou o conjunto de sua obra. Estava satisfeita. A noite seria perfeita.

Seu devaneio foi interrompido pela campainha. Imediatamente, seu rosto se fechou. Irritada, resmungou baixo:

— Eu falei oito e meia. Nem um minuto a mais, nem um a menos. O que Caio pensa que está fazendo?

Enfurecida, Alice saiu de seu quarto e desceu a escada rapidamente. Abriu a porta de forma violenta, já preparando uma enxurrada de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questionamentos e xingamentos. Como ele tinha a coragem de arruinar a noite que ela planejava há meses? Engoliu sua fúria quando deu de cara com dona Clotilde, sua vizinha.

— Olá, Alice, desculpe te incomodar. Vim lhe trazer alguns pedaços de bolo que acabei de fazer.

— Ao ver a velha, Alice respirou fundo e se recompôs.

— Não precisava se dar ao trabalho, dona Clotilde! Parecem deliciosos! — Mascarou o ódio com falsidade.

— Menina, como você está linda! Vai sair? Vai jantar com Caio?

— Vou jantar com ele sim. Comemoração de duas semanas de namoro. Eu farei o jantar e preciso terminar de me arrumar. — A garota não gostava da curiosidade da vizinha e sempre tentava escapar de suas conversas.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, não deixe que eu te atrapalhe. Boa noite, minha filha. Tenham um ótimo jantar! — Dona Clotilde mal se despediu e a porta se fechou. Alice olhou para a bandeja e fez uma careta. Foi à cozinha e jogou os pedaços de bolo, junto com a bandeja, no lixo.

Teria ainda tempo para escolher um perfume.

Exatamente às oito e meia, a campainha tocou novamente. Caio estava à espera da namorada com um buquê de rosas vermelhas, estufando o peito para parecer mais imponente. Alice abriu a porta com um brilho de felicidade em seu olhar.

— Oito e meia, como pediu. E estas rosas, que são vermelhas e não rosas, são para você. — O garoto parecia nervoso ao falar sua piada ensaiada.

— Chegou no horário, meus parabéns! E eu adoro rosas. Entre. — Alice cheirava as rosas, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

mantinha os olhos fixos em Caio, parecia um predador emboscando uma presa por trás dos arbustos.

— Você está linda! Não consigo nem descrever. — O encanto que afetava Caio era real, ele não conseguia desviar os olhos de Alice. “Tirei a sorte grande”, pensou. — Você não prefere ir a um restaurante? Não quero que tenha trabalho...

— Não! Eu mesma irei preparar o jantar. — O olhar, que ainda se mantinha fixo, começava a deixar Caio desconfortável. — Sente-se, vou colocar estas flores em um vaso e nos servir vinho.

Caio foi empurrado em direção ao sofá. Tirava e colocava as mãos nos bolsos, cruzava e descruzava os braços sem saber muito o que fazer. Sentou-se e olhou em volta. Tudo muito arrumado, sem grandes adornos ou extravagâncias, mas muito aconchegante. Muito limpo.

PERIGOSAS ACHERON

Alice voltou à sala, com uma garrafa e duas taças. Continuou a olhar para o rapaz. Pareceu sentir seu nervosismo.

— O vinho vai nos ajudar a relaxar — disse com um pequeno sorriso.

— Ótimo, acho que estou precisando. Gostei muito da sala, é bem tranquila.

— Depois vai conhecer os outros cômodos... Os meus preferidos são a cozinha e o quarto. — Alice se virou com as taças e entregou uma a Caio.

— Cabernet Sauvignon, 1865, gosta?

— Bem... Não entendo muito de vinhos... Prefiro uma cerveja. — Alice pareceu ignorar completamente o comentário.

— Acho um vinho agradável e vai combinar com nosso jantar. Beba.

Caio bebeu sem pensar. Sabia, pelo pouco tempo em que estavam juntos, que sua namorada PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha um temperamento muito... forte. Bebeu, tentando esconder a careta que denunciava seu desagrado. Em pé, de frente para o sofá, Alice bebia pequenos goles enquanto o olhava, parecia estudar o rapaz.

— O que teremos para o jantar? — Caio tomou o restante da taça em um gole.

— Algo... especial. Vai concordar comigo que será inesquecível. — Antes que Caio falasse algo, Alice sentou em seu colo e começou a beijá-lo. Segurava a cabeça do rapaz, afundando as unhas em sua nuca. Caio retribuiu, era a primeira vez que via sua namorada agir desta forma, e ele estava gostando. Sentiu que o vinho realmente o deixara relaxado.

Ficaram alguns minutos se “esfregando”, até que Caio parou e afastou Alice. Ela estranhou o comportamento.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi?

— Eu ... eu não sei... não me sinto bem. Estou me sentindo dormente. Acho que o vinho não me caiu bem. Ou eu não sou tão forte para bebidas como pensava. — A fala de Caio começava a ficar mole.

— Não foi o vinho, querido. Foi a Cetamina que coloquei na sua taça — Alice sorriu com uma ternura apavorante ao falar, enquanto o namorado caía lentamente no sofá.

Caio abriu os olhos. Sua visão estava turva, ofuscada. A cabeça estava dormente e pesada. Gosto amargo na boca. De seus sentidos, apenas o olfato e a audição pareciam próximos ao normal. Escutou algo fritando e sentiu cheiro de comida. Ele se esforçou para focar sua visão e viu que Alice estava voltada para o fogão, preparando o tão

prometido jantar. Tentou falar, mas as palavras não saíam.

Sentiu a perna formigando.

Tentou levar a mão à cabeça, mas não conseguiu.

Sentiu o músculo da perna repuxar em câibras.

Olhou para seus braços e viu que ambos estavam amarrados na cadeira. Percebeu algo em sua perna: uma grande mancha vermelha. Ele se esforçou para entender o que estava acontecendo e viu que sua calça fora rasgada, expondo sua perna. A mancha vermelha se revela uma grande ferida: um largo pedaço que se estendia do joelho até quase sua virilha estava faltando. O buraco era tão fundo que quase se via seu fêmur. Entrou em desespero e tentou gritar, mas conseguiu apenas emitir um ruído engasgado.

— Mas já acordou? Achei que dormiria por

PERIGOSAS NACIONAIS

mais meia hora. Devo ter errado na dosagem da Cetamina. Tenha paciência, o jantar está quase pronto. O anestésico que injetei na sua perna deve ser o bastante para você aguentar mais um pouco. — Alice apontou para um pequeno frasco e uma seringa à frente de Caio.

Ele começou a chorar, se balançando na cadeira. Sua movimentação fez com que a ferida começasse a verter sangue, escorrendo para o chão. Viu que o chão estava forrado com plástico. Um par de luvas cirúrgicas e um bisturi ensanguentados estavam no meio da poça de sangue. Não sabia se a fraqueza que sentia era devido à medicação ou pela perda massiva de sangue.

— Não gosta de carne muito passada, não é mesmo? Queimar a carne tira todo seu sabor e suculência, sem falar que acaba com a sua consistência. — Alice espetou a carne que

PERIGOSAS ACHERON

preparava e a levantou da frigideira.

O pedaço da perna de Caio.

— Um pequeno ramo de alecrim para fritar na gordura da carne, salsinha, noz-moscada para um toque adocicado, sal e pimenta-do-reino. Pouco orégano, para que não se faça acentuado e mascare os outros sabores. Alho também, claro. Mas sem cebola. Em outros pratos eu costumo usar muita cebola, mas não neste. As batatas estão prontas no forno. Ah, espero que esteja com fome. Eu sei que estou! Separei um antigo conjunto de louças para nosso jantar. — Alice falava com uma empolgação incomum.

Na pia, ao lado do fogão, uma série de recipientes contendo temperos estavam organizados conforme seu tamanho e ordem de uso. Na mesa estavam o vaso com as rosas que Caio trouxera, talheres milimetricamente perfilados, pratos de

porcelana, duas garrafas do Cabernet Sauvignon, uma quase vazia e outra ainda fechada e duas taças. Enquanto babava e convulsionava seu choro, Caio ficou horrorizado ao sentir o cheiro de sua carne sendo preparada com tamanho esmero: o aroma era terrivelmente apetitoso.

Ao ver que o esforço para se soltar era inútil, o medo crescente tornou-se o combustível de que sua voz precisava:

— Socorro.... SOCORRO! — O grito extremamente alto assustou Alice, que se virou espantada. Errara na dosagem do anestésico. Ele estava começando a ficar lúcido de novo.

— Não, não, nem começamos a comer! Cale a boca! — Alice pegou uma grande e afiadíssima faca da gaveta de talheres. Deu a volta na mesa e ficou atrás de Caio. Então se abaixou e falou bem perto de seu ouvido: — Eu disse que o jantar seria

inesquecível...

— Socorro, por favor! Socorr... — A frase não foi terminada. Alice enfiou a faca verticalmente paralela ao pescoço do namorado, afundando-a até perfurar seu pulmão. Puxou lentamente a faca e sangue borbulhou pela ferida. A cabeça de Caio caiu pesadamente para frente.

— Terei que jantar sozinha.

Na manhã seguinte, a campainha de casa de Alice tocou. Ao abrir a porta, a garota encontrou dois policiais.

— Bom dia. Senhora Alice, correto? — perguntou um dos policiais.

— Sim. Eu mesma. Aconteceu alguma coisa?

— Viemos perguntar exatamente isso. A vizinha ao lado escutou gritos e pedidos de socorro vindos da sua casa. Ela ficou preocupada e nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamou. Podemos entrar?

— Claro que sim, por favor. — Os policiais entraram e constataram a perfeita ordem da sala.

— A senhora está sozinha? — Apenas um dos policiais falava, o outro observava.

— Sim, estou sozinha.

— A vizinha disse que você estava acompanhada ontem. Aquele carro estacionado em frente à sua garagem não é do seu namorado? Onde ele está?

— Ele já foi embora — Alice amaldiçoava mentalmente a velha.

— Por favor, sente-se, precisamos fazer algumas perguntas. — Ela levou os policiais até a cozinha e se sentou à mesa. O policial silencioso olhava tudo, parecia absorver todos os detalhes. Talvez estivesse tentando se lembrar de uma cozinha tão limpa e tão organizada como aquela.

PERIGOSAS ACHERON

— São perguntas rotineiras, não tomaremos muito de seu tempo. — O policial continuava falando, mas a atenção de Alice estava voltada para o outro homem, que andava cauteloso pela cozinha.

Ele viu algo na porta da geladeira: uma pequena mancha vermelho amarronzada.

Sangue seco.

O policial chegou perto da geladeira e pareceu farejar o ar. Olhou de relance para a garota, que o observava atentamente e abriu a porta. Dá dois passos para trás, como que empurrado pela surpresa, levou sua mão direita à boca, horrorizado com algo que viu. Ele se voltou para Alice, cujo olhar frio ajudou a aumentar a ansiedade e terror no rosto do policial.

No canto direito dos finos lábios da garota, um discreto sorriso se formou.

Um filete contínuo de sangue escorria da

PERIGOSAS NACIONAIS

geladeira e se acumulava no frio porcelanato branco.

PERIGOSAS ACHERON